ISTOÉ

TRÊS

Retaliação
Míssil iraniano é abatido pelo sistema de defesa israelense: ataque foi uma represália a bombardeio ao consulado do Irã na Síria

ESTAMOS MAIS PERTO DA TERCEIRA GUERRA?

O mundo aguarda apreensivo **qual será a reação do governo extremista** do primeiro-ministro Benjamin Netanhyahu desde que o **Irã lançou mais de 300 drones e mísseis contra Israel,** em um ataque inédito. Uma **resposta militar pode fugir ao controle** e atrair ainda mais países para o conflito, com o **risco de um novo confronto global** sem precedentes

ENTREVISTA

LUIZA HELENA TRAJANO

Empresária

“É INACEITÁVEL QUE UMA MULHER RECEBA MENOS DO QUE UM HOMEM”

Por Mirela Luiz

Luiza Helena Trajano é uma das mulheres mais poderosas do Brasil, mas não se identifica com esse rótulo e nem acredita que o seja, embora tenha sido reconhecida como personalidade do ano de 2020 pela Câmara do Comércio Brasil-Estados Unidos. Além de presidir o Conselho de Administração de uma das maiores empresas de varejo do País, o Magazine Luiza, ela lidera o grupo Mulheres do Brasil, que conta com a participação de mais de 120 mil personalidades femininas de diversas áreas. Mesmo diante das crises mais desafiadoras, ela se recusa a retrair seus negócios. Toda essa agitação tem gerado especulações sobre suas possíveis aspirações políticas, algo que ela nega. Embora seja apaixonada por política, considera-se apartidária e uma fervorosa defensora do Brasil. Sem dúvida, ela é uma das vozes mais influentes do empreendedorismo feminino e não nega suas origens, pelo contrário, tem muito orgulho de suas raízes interioranas. Apesar de ter concluído o curso de Direito, optou por se dedicar ao comércio, transformando a pequena loja da família em um império com mais de mil lojas físicas e líder no comércio online. Atualmente, o grupo emprega mais de 40 mil funcionários, que ela se comprometeu a manter mesmo durante a pandemia ao aderir ao programa Não Demita. Além de defender a diversidade e a inclusão social, ela inovou ao lançar um programa de trainees exclusivo para jovens negros.

PROJETO
“Meu compromisso é com o Mulheres do Brasil, grupo apartidário que reúne mais de 120 mil personalidades femininas em todo o mundo”

A sra. já fez parte das líderes empresariais mais influentes do Brasil, sendo reconhecida como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista Time. O que representou essa conquista?
Nunca planejei nada, mas sempre tive muita disposição de trabalhar, como sociedade civil, pela melhoria de nosso país. Acredito que esses reconhecimentos, que só aumentam a minha responsabilidade, acabam vindo desse envolvimento.

> "Minha tia Luiza foi uma empreendedora inigualável. Ainda estou muito abalada com sua morte"

Qual é o seu posicionamento em relação à política brasileira?
Todos nós somos políticos, e acredito que temos de atuar na política por meio de movimentos da sociedade organizada para não só reclamar de algo, mas também trabalhar por aquilo que acreditamos e melhorar o que achamos que não está certo. Quanto maior a participação de todos os segmentos, melhor a política, e existem caminhos para isso. É necessário buscar movimentos que nos representem e trabalhar neles.

Como a senhora avalia a situação econômica do Brasil, especialmente diante dos desafios relacionados à inflação e ao desemprego?
Estamos sentindo melhora em todos os índices. A inflação está estabilizada, o que não justifica juros tão altos. Eles estão caindo, e espero que continuem caindo. O desemprego tem apresentado sinais de melhora, e acredito que, agora, mais crédito deveria ser injetado, especialmente nas pequenas empresas, que são as grandes geradoras de emprego. O Índice Antecedente de Vendas (IAV), produzido pelo Instituto para Desenvolvimento do Varejo, apresenta previsão de crescimento de 6% em março, 4,5% em abril e 4,9% em maio.

Quais reformas você considera mais urgentes para o País?
A Reforma Tributária, enfim, foi encaminhada, e acredito que alguns ajustes devem ser feitos, pois sua implantação é a longo prazo, mas é preciso discutir novas reformas, como a política e a administrativa, entre outras, até pela necessidade de modernização do Estado, pois todas podem ajudar a diminuir a desigualdade social.

Como a sra. vê a Reforma Tributária aprovada pelo Congresso?
Foi um passo importante, mas ainda haverá um longo processo de implantação e existem muitos pontos que, tenho certeza, serão discutidos e amarrados com estados e municípios. Há muito tempo eu participava de reuniões sobre a necessidade da Reforma Tributária, mas nada era feito, agora avançamos.

Quais são seus compromissos político e social fora da estrutura partidária, especialmente em relação ao papel das mulheres na política brasileira?
Meu compromisso é por meio do Mulheres do Brasil, grupo apartidário que reúne mais de 120 mil mulheres em todo o país e no exterior. Estamos iniciando uma campanha que luta pelo aumento da representatividade das mulheres na política e queremos nos mobilizar para alcançarmos 50% de ocupação por mulheres nas próximas eleições. Não é só ter 50% de candidatas, mas termos, de fato, metade das cadeiras no Executivo, Legislativo e no Judiciário, já que somos mais da metade da população. E isso não é ser contra os homens, é termos a equidade nos poderes de decisão do país.

Como a sra vê a importância da presença feminina no governo?
Não tem como criar políticas públicas para a população sem mulheres totalmente envolvidas no processo, por isso insistimos tanto no aumento de representatividade. As mulheres fazem a diferença na gestão. Já é comprovado que empresas com políticas de equidade conseguem mais resultados, e isso quem pesquisou foi a Bolsa de Valores. Na administração pública é a mesma coisa: mulheres têm uma visão diferenciada para os problemas e criatividade nas soluções.

Como a crise das Lojas Americanas afetou a sua empresa?
Toda crise, em qualquer empresa, nos deixa muito tristes, pois afeta todo o varejo e é muito ruim para o mercado.

Sua tia, Luiza Trajano Donato, faleceu recentemente. Qual é a influência dela, na sua trajetória?
Total, eu ainda estou muito abalada. Minha tia Luiza foi uma empreendedora inigualável, que comprou uma lojinha no centro de Franca, bem em frente onde trabalhava como balconista, e sem dinheiro para pagar a segunda pres- **>>**

FOTOS: ©ANDRE LESSA; ARQUIVO PESSOAL

tação. Ela deixa um grande legado que faz parte da cultura do Magazine Luiza hoje e sempre, de dedicação aos clientes, de valorização do trabalho e de enfrentamento de crises. Tenho certeza de que ela teve uma vida plena e feliz.

A sra. gosta de ter influência política?
Eu acredito que as políticas públicas são o que realmente transformam um país. Você pode fazer a diferença por meio de instituição, ONG ou qualquer outra iniciativa que você preferir. Mas são as políticas públicas que têm o poder de mudar um país. Infelizmente, existe um estigma negativo em torno da política, pois ser político muitas vezes é associado a ser de um partido ou de outro. Eu sou uma política desde que nasci, pois defendo causas desde sempre. Por exemplo, o Magazine Luiza canta o hino nacional, todas as segundas-feiras, há 25 anos. Tenho paixão por este País. No entanto, isso não significa que eu precise estar filiada a um partido político. Eu respeito e admiro aqueles políticos que escolheram a política como profissão e que fazem um bom trabalho. Não é justo generalizar todos como pessoas ruins.

A sra. não tem atuação partidária nenhuma, certo?
Acredito que a sociedade civil tem um papel importante na formulação de políticas públicas, por isso criamos o Mulheres do Brasil. Somos um grupo apartidário, mas trabalhamos em prol das políticas públicas. Queremos mudanças por meio dessas políticas e, com a união das 120 mil mulheres que atuam ao nosso lado, temos força para influenciar e aprovar pautas que consideramos benéficas para o País. Acredito que, ao nos envolvermos com causas e não com partidos, podemos ser ouvidas e obter um maior impacto.

Em julho de 2017, ocorreu uma tragédia na qual a gerente de uma unidade da rede de suas lojas foi assassinada pelo marido. Após esse acontecimento, a sra. decidiu assumir a responsabilidade de abordar o tema dos feminicídios. Isso foi importante?
Desde menina sou muito envolvida com diversidade, racismo, contra qualquer tipo de desigualdade. Tanto que fundei o Mulheres do Brasil e hoje esse grupo trabalha com 20 causas, entre elas violência contra a mulher, racismo, LGBTQIA+, educação e tantos outros.

> "Além da Tributária, precisamos discutir novas reformas, como a política e a administrativa, para a modernização do Estado"

FOTO: ZECA RIBEIRO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

A sra. assumiu a liderança na defesa pública do programa de trainees exclusivo para pessoas negras na empresa. Apesar de enfrentar críticas nas redes sociais, o programa foi criado com o propósito de corrigir a disparidade existente nos cargos de alto nível entre os funcionários. A implementação de cotas é um processo importante para corrigir desigualdades?
Agora que estou muito mais envolvida, acho que a causa da mulher e do negro teve um avanço muito grande, mas nós temos de por mais mulheres e negros em Poderes, em cargo político, judiciário e empresarial, porque temos 52% de mulheres e 50% negros. Fizemos pouco até aqui, mas avançamos muito.

A questão da paridade salarial tem sido um tema amplamente discutido nos últimos anos. A nova lei nos deixa a um passo da igualdade de gênero?
A nova lei que favorece a igualdade salarial é um avanço significativo, mas ainda há desafios a serem superados. É importante reconhecer que a mudança real não acontecerá apenas por meio de leis, mas também exigirá uma transformação na mentalidade da sociedade. A desigualdade salarial entre homens e mulheres é um problema complexo, que reflete tanto questões históricas quanto estruturais.

Por que esse tema é importante para a mulher?
É inaceitável que uma mulher receba menos do que o homem apenas por ser mulher. A desigualdade salarial é uma injustiça que deve ser combatida. No entanto, é preciso ir além da legislação para promover uma mudança duradoura. É fundamental que tanto as empresas como as mulheres se conscientizem da importância de ocupar cargos de liderança e buscar oportunidades de crescimento profissional. A paridade salarial não pode ser alcançada apenas por meio de uma caneta, mas sim de ações concretas e conscientização. A nova lei é um passo na direção certa, mas não é a solução final. É necessário um esforço conjunto de toda a sociedade para garantir que as mulheres tenham as mesmas oportunidades e remuneração justa. A igualdade salarial é um direito básico e um reflexo de uma sociedade igualitária. Devemos continuar lutando por essa causa e trabalhar para eliminar qualquer forma de discriminação de gênero no ambiente de trabalho. ■

Melissa desenvolveu três bebidas com sabores diferenciados que estão ligadas ao lançamento das novas cores em tons de rosa da sandália Possession.

Melissa aposta em ativações para expandir a marca no exterior

MELISSA PELO MUNDO

- Presente em **64 países**;
- Territórios de grande aposta atualmente: **Estados Unidos e China**;
- Marca nasceu inspirada na moda dos pescadores da **Riviera Francesa**;
- Em 2022 e 2023, fez ativações dentro da **Galeria Lafayette, em Paris**.
- Uma das primeiras marcas do mundo a apostar em collabs com grandes nomes da moda mundial, como **Marc Jacobs, Viktor&Rolf, Comme Des Garçons, Karl Largefeld, Vivienne Westwood**.

Presente em mais de 60 países, a marca desembarca em Milão para nova ação que leva o icônico aroma de tutti-frutti para o mundo das bebidas inovadoras.

Ao pensar nas icônicas sandálias Melissa, que fizeram e fazem a história de muitas gerações, logo vem à mente aquele cheirinho de tutti-frutti, que não somente é conhecido localmente, mas também fora do Brasil – atualmente a marca está presente em mais de 60 países. Para expandir a marca para novos lugares, a Melissa vem apostando em ativações internacionais nos últimos anos. Uma das mais recentes está acontecendo em Milão, na Itália, por meio da ação Melissa Frizzante, que desembarcou no país no meio do burburinho do Fuorisalone, semana de design que atrai pessoas de vários locais do mundo e celebra a criatividade e inovação, aspectos que têm ligação direta com a trajetória da label nas últimas décadas.

De acordo com Raquel Scherer, gerente geral da Melissa, a iniciativa surgiu a partir da constante busca por proporcionar experiências únicas ao público. "O público quer consumir cada vez mais marcas que tragam um lifestyle aspiracional e um propósito claro em sua identidade por meio de experiências, e não apenas de produtos".

Alinhada a essa premissa, a Melissa criou um ambiente único e imersivo que reflete a sua essência, explorando novos sentidos além do aroma, como o paladar. Em um espaço repleto de bolhas transparentes, que traduz a efervescência da Melissa Frizzante, a lovebrand oferece gratuitamente três opções de bebidas criadas especialmente para a ocasião: Don't Worry Be Berry, Jelly Spritz e Watermelon Haze – todas com um toque de bubblegum, aroma característico da Melissa.

Os drinks foram criados especialmente para essa iniciativa e combinar com as três novas cores da Melissa Possession, sandália modelo aranha que é icone da label. "Como nossa intenção era estar em spots de grande circulação durante o verão, a ideia de criar bebidas refrescantes e divertidas, se conectou imediatamente com nosso propósito. Para isso, buscamos especialistas para criar os sabores das sodas e o espaço imersivo que traduzissem nossa essência a uma experiência vibrante e inovadora", ressalta Scherer.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Para garantir um maior alcance da ação, a Melissa levou a iniciativa para o mundo virtual. Para isso, escolheu três artistas especializados em arte via Inteligência Artificial para mostrar como seria a ativação da Melissa Frizzante em vários lugares do mundo. Além de reforçar os pilares de arte e design da marca, a intenção, de acordo com Raquel, é ampliar o senso de um projeto, que é global, e estará em outros lugares do mundo depois de Milão.

Ambiente oferece uma verdadeira experiência do mundo Melissa para os consumidores.

Fotos: Divulgação

Paulo Pedó, diretor da Melissa.

Os artistas If Only, Tina Bobbe e Shail Patel construíram espaços da label em locais como o trem de Milão, em um barco que navega no Rio Sena, além de novas releituras do ambiente físico de Milão. "Através de ativações que vão além do ponto de venda convencional, imergindo o público para dentro do nosso universo de maneira envolvente, conseguimos apresentar a Melissa de maneira que estimule a conexão das pessoas com a Melissa para além de uma experiência de compra", afirma Paulo Pedó, diretor da empresa.

EXPANSÃO CONSTANTE

Pedó destaca que a presença internacional da Melissa no exterior segue em expansão, com a conquista de novos mercados e aumento de sua base de consumidoras fiéis em diversas regiões. "Os territórios de grande aposta da marca atualmente são Estados Unidos e China, onde essa intensificação da marca acontece por meio da Grendene Global Brands (GGB), joint-venture com a 3G Radar. Nosso compromisso com a inovação e o design dos nossos produtos têm nos permitido ganhar destaque e reconhecimento em diferentes países. Melissa Frizzante surgiu como um projeto para reforçar ainda mais a presença e a conexão da marca com o público global", conclui. ■

Carlos José Marques, *diretor editorial*

RUMO A OUTRA GRANDE GUERRA?

O caldeirão de conflitos no qual se transformou o Oriente Médio serve de alerta para o mundo. É quixotesco imaginar que em pleno século 21 nações e povos não consigam resolver suas diferenças por intermédio do diálogo. Complexos são os caminhos que nos levam à radicalização mais e mais. A nova investida do Irã sobre Israel tem de ser classificada como inaceitável, descabida e assombrosamente delimitadora de pesados desdobramentos internacionais, inaugurando uma fase ainda pior dos combates, que já se desenvolvem ali desde o covarde ataque do grupo terrorista Hamas. O Irã, desta feita, comete o erro, grave, de colocar por terra qualquer negociação de paz que vinha sendo tentada por interlocutores independentes. Do ponto de vista geopolítico, o que ocorre na região hoje precisa ser visto como propagador de ameaças em série pelo mundo. É imprescindível que uma resposta global, enfática, de repúdio a essa escalada seja organizada. Não há como países da estatura e representatividade do Brasil ficarem de fora desse movimento. Decerto causa espanto e até indignação a quase apatia da reação do governo Lula a um episódio de clara ofensiva e provocação. A pseudo neutralidade que caracteriza a diplomacia do Itamaraty há décadas não pode servir de escudo para esconder vieses de sugestivo apoio a afrontas dessa natureza. Não é cabível que autoridades daqui manifestem apenas "ter visto com preocupação" o ocorrido. Condenar com veemência seria o mais correto. Tamanha hesitação oficial se somou à bobagem insidiosa da presidente do PT, Gleisi Hoffmann, em visita dias atrás à China, de fazer comparações elogiosas do regime político adotado ali com o do Brasil e expressar uma quase simpatia por tanto descalabro. Em qual esfera desconectada da realidade estão vivendo figuras desse naipe? O que assombra na atual escalada de abusos é que não apenas o Brasil, mas muitos outros seguem, de certa forma, abrindo espaço para que aventuras militares totalitárias avancem, sinalizando, perigosamente, que uma terceira grande guerra venha a despontar no horizonte. O planeta vive tempos estranhos, de uma polarização bestial e sem sentido. As consequências, não apenas diplomáticas, assim como sociais, econômicas e políticas estão aí. Sistematicamente vem se falando de uma escalada que pressupõe o apocalipse como desfecho. A quem pode interessar tal alternativa? Nações e seus líderes parecem ter perdido a noção do perigo e o entendimento da real dimensão do que constroem de ameaças. A OTAN e a ONU como um todo continuam apáticas, quase insignificantes nas respostas, por culpa e interesse até mesmo de muitos de seus membros. Não há, definitivamente, quem leve a sério protestos mais eloquentes desses organismos. Até porque as punições são mínimas, quando não inexistentes. É preciso uma reformulação completa dos princípios e/ou do sistema multilateral. Ou alguém ainda acredita, rigorosamente, que, do jeito que está, o planeta sobreviva, caminhando para uma nova etapa de harmonia global? Essa ideia no momento não passa de quimera. Cometem-se erros de relacionamento em profusão. Interesses particulares de déspotas e sedentos de poder, sem qualquer controle, atrapalham ainda mais a via do entendimento. Regimes teocráticos, baseados em fé religiosa extremada, pipocam para todos os lados. Caudilhos e extremistas voltam a fazer sucesso, movidos por um populismo que engambela multidões afora. Na geoestratégia planetária, uma onda de embates em escala parece questão de tempo. E não deve demorar, caso nada seja feito já para detê-la. Pelas mãos de insanos fundamentalistas o mundo está sendo dominado, colocando em xeque a própria existência humana. Nada menos que isso vem sendo estampado aos nossos olhos. Negar pode soar conveniente, porém longe dos fatos. E se, de uma hora para outra, um desses agentes protagonistas de provocações resolver partir para o tudo ou nada de armas nucleares exterminadoras? Abundam motivos nesse sentido enquanto rareiam as vozes do equilíbrio e da sensatez. É mister, no momento, que a racionalidade contemporizadora prevaleça para evitar o pior. Erros de cálculo sobre os desdobramentos dos episódios em curso e até o habitual desprezo pelo assunto – como parecem expressar, caprichosamente, autoridades brasileiras – podem servir de gatilho para a destruição massiva sem volta. Punir culpados envolvidos e aplacar essa pororoca de confrontos é a única saída razoável se quisermos acalentar alguma chance de sobrevivência da espécie no futuro próximo. ■

FOTO: ATTA KENARE/AFP

Sumário

Nº 2828 – 24 de abril de 2024
ISTOE.COM.BR

26

BRASIL O desmatamento no País deslocou-se da Amazônia para a região do Cerrado. Dados do Ipam apontam que o Maranhão, Tocantins, Piauí e a Bahia perderam cerca de 500 mil hectares em seus biomas

42

COMPORTAMENTO Bares e cafés vão se tornando pequenas bibliotecas e aconchegantes locais de leitura, atraindo público cada vez maior

60

CULTURA A espetacular exposição *Desafio Salvador Dalí*, dedicada à vida e à obra do genial pintor espanhol, será inaugurada em 1º de maio na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo. Reúne mais de cem itens, a maioria deles nunca vistos no País

32

CAPA Desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, não se assiste a um conflito armado entre nações como se vê agora no Oriente Médio. Estamos de fato cada vez mais próximos da deflagração de um terceiro confronto global? O que sinaliza o ataque do Irã a Israel? Quais as consequências de um revide militar israelense?

FOTO CAPA: ISRAEL DEFENCE FORCES/IDF
FOTOS EDITORIAIS: MOHAMMAD HASANZADEH/FARS NEWS AGENCY/AP PHOTO; NELSON ALMEIDA/AFP; SILVIA ZAMBONI; FUNDACIÓN GALA-SALVADOR DALÍ/VEGAP/BARCELONA, 2024;

INÊS249

por Antonio Carlos Prado

Diretor de Edição de ISTOÉ

O SOM DAS RUAS É MAU CONSELHEIRO

Há uma tradição nas duas Casas Legislativas brasileiras quando os mandatários têm de lidar com assuntos relacionados à segurança pública. O clamor popular, ao longo da história, já assentiu até com a lapidação e outros meios desumanos e cruéis de pena de morte (não fosse ela, por si só, cruel e desumana), ficando comprovada a irracionalidade: ódio inspira vingança, não a Justiça que se espera de uma civilização que seja de fato racional. Pois bem, apesar do passional clamor popular implicar raiva e ira quando ele se manifesta em questões criminais, a regra da esmagadora maioria de nossos parlamentares é a de extremo oportunismo: "ouça-se o clamor popular". Aqui há um ponto eticamente escorregadio: acata-se a gritaria das urbes porque não convém descontentar futuros possíveis eleitores.

Houve um tempo em que o Brasil vivia apavorado com sequestros. Foram poucos os deputados e senadores que se dispuseram a refletir. A maioria deles, atendendo ao que se berrava nos restaurantes estrelados ou nos botecos cheirando à fritura de óleo reutilizado, fez codificar a extorsão mediante sequestro como crime hediondo. É claro que sequestrador tem mesmo de ser duramente punido, quanto a isso não há dúvida. Mas os sequestros acabaram? Não. Ou seja: a providência legislativa de qualificar este e praticamente todos os delitos como hediondos não serviu para nada. A violência galopa.

A situação se repete com a derrubada, mesmo relativizada pelo Legislativo após o sensato veto de Lula, da chamada "saidinha" dos presidiários em datas comemorativas. É legítima a indignação popular com o aumento da violência que esse direito (advindo em 1984 a significar avanço na Lei de Execução Penal) vem provocando, uma vez que os "saideiros" furtam, roubam, matam. Isso precisa ter fim, mas não o falso fim dado pelo Legislativo, fazendo média com a passionalidade acrítica.

Mitigar a violência é trabalho e não populismo. Exige luta pela democracia social

Deveriam eles, mandatários, lutarem para que facções criminosas deixem de dominar os presídios. Nas "saidinhas", a maioria que vai para a rua é composta de jovens pobres e com delitos de baixo potencial ofensivo. Mas eles saem com o cabresto, imposto pelas facções, de furtarem e roubarem ("arrecadação"). Se não cumprirem "a tarefa", quando retornarem à cadeia serão punidos pelos "sintonias" -- e se esses presos carentes não se juntam às facções, eles não têm sequer papel higiênico, porque o Estado é omisso. Presidiárias às vezes se valem de miolo de pão como absorvente.

Quer pasta de dente e sabão na cadeia? Cumpra as ordens das facções. Senhores parlamentares, mitigar a violência exige trabalho, não populismo. Exige luta pela democracia social.

por

OS PAÍSES E O MUNDO

Conhecer alguns países é muito bom, atiça a percepção das diferentes culturas. Mas conhecer muitos países, leva à constatação de que o mundo é muito igual. O homem é o mesmo em todas as partes, apesar de suas diferenças culturais e sociais, empenhado em viver cada vez melhor, mesmo que isto afete aos outros, entendendo, mas não agindo no conforme de que a única solução é a coletiva, com a redução do consumo, na desfaçatez do acréscimo dos PIBs perante a crise ambiental que hoje se instala.

No Mundo Antigo, a escravidão era a forma para a elite melhor viver. Na Idade Média, a religião era o instrumento da elite para o melhor controle social. Na economia atual, todos saúdam o aumento do PIB. A economia se concentra. Hoje, 2.500 bilionários no mundo detêm US$ 12 trilhões em patrimônio, segundo estudo do Banco UBS, nominalmente equivalente a 12% do total do PIB mundial de US$ 101 trilhões, seis vezes maior do que o patrimônio dos 50% mais baixos da população mundial. A desigualdade aumenta, na decisão de poucos, com o aumento da probabilidade de erros nas decisões. A sociedade fica sem

Adam Smith errou quando acreditou que a ação racional dos homens no mercado sempre iria gerar o bem-estar social

Ricardo Guedes

Ph.D. em Ciências Políticas

interlocução. A natureza se destrói, insígnia da infâmia da cegueira do por vir. Os mais ricos acreditam que a riqueza será suficiente para a sobrevivência de seu pequeno grupo, sem perceber que a riqueza atual depende de sociedades numerosas para a produção e manutenção da tecnologia, o que não ocorrerá na crise ecológica por vir, com a diminuição dos ativos líquidos das sociedades atuais. O que gerou o desenvolvimento é a semente de sua própria morte, no desvaneio do ocorrido. Marchamos para a funesta.

Segundo estudo da Universidade de Bristol, em 250 milhões anos o mundo chegará à temperatura média de 70 graus centígrados, com a extinção dos mamíferos. Alguns homens poderão talvez sobreviver a isto. Mas se houver a sobrevivência, certamente será uma sociedade extremamente autoritária, de dirigentes e subjugados, como no filme de 1960 de George Pal, "A máquina do tempo", do livro de H.C.Wells, onde nos vemos em todas as nossas desesperanças.

Adam Smith errou quando acreditou que a ação racional dos homens no mercado sempre iria gerar o bem-estar social. John Nash, em sua síntese da Teoria dos Jogos, nos diz que soluções coletivas são difíceis devido, por vezes, serem as ações individuais em sentidos opostos e desconcatenadas, nem sempre a somatória das ações individuais resultando em uma coletiva racional. O homem acha que iremos sobreviver por si sós, sem a ajuda dos outros. Que pena! Os vitoriosos são os próprios destruidores da humanidade, de seu meio ambiente, da base de seu próprio lucro, que move as sociedades. Ao resto, resta esperar, na angústia do amanhã.

por Laira Vieira

Economista e tradutora

OS SONHADORES PARISIENSES

No turbilhão da Paris de 1968, onde as ruas fervilham com os protestos estudantis e os ventos da mudança sopram, surge um filme que desafia as convenções, quebra tabus e mergulha nas profundezas da mente humana, gerando polêmica entre os puritanos.

Os Sonhadores (2003) — disponível no Mubi — dirigido por Bernardo Bertolucci (*O Último Imperador, Eu e Você*) não é apenas uma obra cinematográfica, mas sim uma jornada intrépida pelos labirintos da juventude, sexualidade e revolução, é um filme sobre as aventuras da juventude, sem os típicos clichês do gênero.

Na trama, somos apresentados a Matthew (Michael Pitt), um jovem americano, que vai estudar em Paris, e se vê imerso no universo efervescente de Isabelle (Eva Green) e Theo (Louis Garrel), gêmeos franceses que compartilham sua paixão pelo cinema e sua inquietação diante do mundo. O trio de cinéfilos estabelece uma relação intensa, onde os limites entre amizade, amor e desejo se tornam cada vez mais difusos.

A sensualidade é explorada de maneira crua e provocativa, desafiando as convenções morais e expondo a natureza humana em sua forma mais intensa. A nudez é tratada como um elemento de libertação, uma manifestação da busca pela autenticidade em meio ao caos da vida.

A atmosfera libertária serve como pano de fundo para as experiências transgressoras dos protagonistas. Entre debates filosóficos, sessões de cinema — com muitos trechos de filmes clássicos pipocando na tela — e jogos de poder, a película nos conduz por uma montanha-russa emocional, onde a busca pela identidade e a quebra de tabus se entrelaçam de forma visceral.

A dinâmica entre o trio reflete não apenas as transformações sociais e culturais daquele período, mas também aspectos da natureza humana que continuam a ressoar conosco até hoje. É nesse contexto que a frase de Jean-Paul Sartre ecoa com intensidade: "O inferno são os outros". A complexidade dos relacionamentos interpessoais revela a fragilidade da condição humana e a dificuldade de se alcançar uma verdadeira conexão emocional.

Mas por trás da aparente liberdade, esconde-se uma sensação de vazio e desencanto. Imersos em suas próprias fantasias e ideais, eles lutam para encontrar um sentido para suas vidas em meio à efemeridade da juventude.

Atualmente, em um mundo cada vez mais conectado virtualmente — mas paradoxalmente distante emocionalmente — a busca por autenticidade e conexão genuína torna-se uma jornada cada vez mais desafiadora, quase impossível.

Os Sonhadores é um lembrete poderoso de que, por mais que possamos nos sentir revolucionários ou rebeldes em nossas aspirações, estamos todos conectados por nossa humanidade, pela complexidade e fragilidade que a acompanham.

por Antonio Carlos Prado

Frases

“ELES ENVENENAM O SANGUE NORTE-AMERICANO”

DONALD TRUMP,
ex-presidente dos EUA, referindo aos imigrantes ilegais

“QUALQUER AÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS FORA DE SUAS ATRIBUIÇÕES É INCONSTITUCIONAL E INVÁLIDA”

CÁRMEN LÚCIA,
ministra do STF

“NÃO SINTO FALTA DAQUELE INÍCIO EXPLOSIVO. FOI DIVERTIDO PORQUE ERA TUDO NOVO, MAS EU TINHA MUITO MEDO, ANSIEDADE E RECEIO”

PABLLO VITTAR,
cantora

“Foi coisa de cinema, com helicópteros e muitos drones”

ROGÉRIO DA SILVA, um dos presidiários que fugiram da Penitenciária de Segurança Máxima de Mossoró, em conversa ao telefone com sua mulher – ele e seu parceiro de evasão foram recapturados

FOTOS: NICHOLAS KAMM/AFP; VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL; @PABLLOVITTAR; DIVULGAÇÃO/STF; @SILMARAMIRANDA

“FELIZMENTE AS INSTITUIÇÕES VENCERAM, MAS, COMO OS FATOS TÊM DEMONSTRADO, NÓS FICAMOS POR UM TRIZ, CHEGAMOS PERTO DO IMPENSÁVEL”

LUÍS ROBERTO BARROSO,
presidente do STF, sobre as tentativas de golpe de Jair Bolsonaro

“NÃO PUDE IR. MINHA DEDICAÇÃO AO TRABALHO É EXCLUSIVA”

SILMARA MIRANDA,
ex-loira do grupo de axé É o Tchan, explicando que não compareceu a um encontro da antiga banda devido àssuas responsabilidades profissionais como Policial Rodoviária Federal

“TRATA-SE DE REPUGNANTE E CÍNICA HOMENAGEM A UM REGIME ASSASSINO, QUE TRIPUDIA DA MEMÓRIA DAS VÍTIMAS DA DITADURA, VIOLA O DIREITO À VERDADE ECONFRONTA A POSIÇÃO OFICIAL DO ESTADO BRASILEIRO SOBRE O TEMA”

FRANCISCO CALDERANO E THIAGO DE ALMEIDA,
procuradores, em ação judicial para a retirada de placa comemorativa do golpe militar de 1964, instalada na autointitulada Brigada 31 de Março, em Minas Gerais

“MUITOS MOÇOS SE ATRAEM PELO SEU JEITO INTENSO, FORTE E VIVO, MAS COM O TEMPO ESPERAM QUE VOCÊ SEJA UMA FOFA, FADA, ELEGANTE, HERDEIRA, SILENCIOSA”

TATI BERNARDI,
escritora e roteirista

por Germano Oliveira

Colaborou: Marcos Strecker

Brasil Confidencial

IRREMOVÍVEL
Apesar dos ataques de Arthur Lira, Lula não vai trocar Alexandre Padilha tão cedo

Sob fogo cerrado

O presidente da Câmara sempre quis derrubar **Alexandre Padilha** do cargo. Lira o acusa de dificultar a liberação das emendas. Mas nos últimos dias, após ver fracassadas suas manobras para soltar o deputado Chiquinho Brazão, o mandatário do Salão Verde no Congresso viu enfraquecer seu projeto de eleger seu sucessor, Elmar Nascimento. Percebeu que os nomes de deputados como Marcos Pereira e Antônio Brito começam a ganhar mais força, contando com a simpatia do ministro das Relações Institucionais. Por isso, fica desesperado. Conta com a eleição de Elmar para continuar poderoso em 2026. Ao ver seus planos naufragarem, Lira chamou Padilha de "incompetente" e "desafeto pessoal". Romperam de vez.

Teimosia

Para estancar a crise, Lula determinou que Padilha passe a ser seu interlocutor apenas no Senado, deixando a Câmara para Rui Costa (Casa Civil). Mas deu um recado duro a Lira. "Não tem ninguém melhor do que Padilha para o cargo. Só por teimosia ele vai ficar muito tempo nesse ministério." Resta saber se Lira vai recuar ou se vai retaliar.

Saúde

Padilha sabe que Lira não quer criar problemas para a economia, uma vez que ele tem dito que um dos legados de sua gestão na Câmara foi aprovar a Reforma Tributária. De qualquer forma, o ministro das Relações Institucionais não quer entrar em choque com Lira e já vinha cogitando voltar ao Ministério da Saúde, pasta que ocupou no governo Dilma 1.

Mínimo em alta

O novo salário mínimo que vai entrar em vigor em janeiro do ano que vem traz boas perspectivas para quem ganha o piso e para os aposentados. Segundo o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias enviado por Haddad ao Congresso, o valor será de R$ 1.502,00, com aumento de 6,37% em relação aos atuais R$ 1.412,00. O reajuste prevê aumento real e deve-se ao fato de em 2023 a economia ter crescido 2,9%.

RÁPIDAS

* Para evitar uma greve geral dos funcionários públicos, o governo oferecerá reajuste de 19,03% em quatro anos. Como o Ministério da Gestão concedeu um aumento de 9% em 2023, serão propostos dois reajustes de 4,5% em 2025 e 2026. Apenas em 2024 ficariam a ver navios.

*** Lula não reiniciou nenhuma das 3.783 obras da educação básica previstas em plano anunciado há um ano, segundo levantamento da "Folha". As obras inacabadas estão em 1.664 municípios, 80% deles no Norte e Nordeste.**

* Nomes já começam a surgir para substituir o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, que deixa o cargo em dezembro. Gabriel Galipolo é o mais provável, mas o mercado fala em Paulo Picchetti e em Marcelo Kayath.

*** A corrida pelas vices da prefeitura de SP continua acirrada. O ex-comunista Aldo Rebelo pode ser vice de Ricardo Nunes, enquanto José Aníbal pode ser vice de Tabata: Marta está confirmada como vice de Boulos.**

FOTOS: MATEUS BONOMI/ANADOLU AGENCY/AFP; ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP; RAFAEL VIEIRA/AGIF/AFP; DIVULGAÇÃO; GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS/DIVULGAÇÃO

INÊS249

RETRATO FALADO

"A China tem uma democracia efetiva"

*A presidente nacional do PT, **Gleisi Hoffmann**, disse, em recente viagem à China, que aquele país tem uma "democracia efetiva". Sabe-se lá por que ela fez essa análise, num momento em que o governo enfrenta grave crise de popularidade. Todos sabemos que os chineses vivem em uma ditadura, sem eleições livres, sem liberdade de expressão e sem imprensa livre. A frase de Gleisi reforça o que Lula diz sobre o regime de Maduro: "A Venezuela vive uma democracia relativa".*

TOMA LÁ DÁ CÁ

FERNANDO VERNALHA, ADVOGADO ESPECIALISTA EM INFRAESTRUTURA E SANEAMENTO

Por que o governo não consegue encerrar contratos de concessões em serviços públicos?

O encerramento de uma concessão é sempre complexo, por demandar a realização de um inventário dos ativos, a apuração e o pagamento de eventual indenização ao concessionário.

Cancelar um contrato de concessão deve ser a medida mais drástica?

A caducidade é a medida mais drástica que pode atingir uma concessão, pois gera consequências onerosas para todos os envolvidos.

No caso da Enel, pode haver a caducidade?

A caducidade pode ser decretada em casos extremos, em que há falha gravíssima na prestação do serviço. A Aneel precisará avaliar a sua gravidade e o seu enquadramento como hipótese típica de caducidade.

Dólar bombando

Quem apostou no dólar este ano ganhou dinheiro. É que o dólar, que terminou 2023 em R$ 4,852, fechou na terça-feira, 16, em R$ 5,27, por causa da mudança na meta do déficit. Em menos de quatro meses, a alta foi de 5,5%. E tudo porque os grandes investidores estão tirando dólares do Brasil para aplicar nos EUA. Ocorre que a inflação americana subiu para 3,5% em março, acima das expectativas do mercado, elevado as perspectivas de juros mais altos por lá. E com juros mais elevados nos EUA, o mercado brasileiro torna-se menos atraente. Além disso, o acirramento da guerra no Oriente Médio, com o agravamento das tensões em função dos ataques do Irã a Israel, torna o mercado mais inseguro.

Ibovespa recuando

Na mesma proporção em que as cotações do dólar avançam, o Ibovespa recua. Na sexta-feira, 12, o Ibovespa caiu 1,13%, para 125.946 pontos, o nível mais baixo do ano. Esse pessimismo das bolsas brasileiras ocorre em função também do recuo das bolsas americanas, como a Dow Jones, que estão em baixa.

Os herdeiros de Bolsonaro

A dois anos das eleições presidenciais de 2026, as cartas já começam a ser jogadas no tabuleiro da sucessão de Lula e quatro governadores despontam como adversários do atual presidente, que deverá ser candidato à reeleição: **Ronaldo Caiado** (GO); Ratinho Jr. (PR); Romeu Zema (MG); e Tarcísio de Freitas (SP). Todos são herdeiros de Bolsonaro.

Corrida dos governadores

Segundo o Instituto Quaest, Caiado é o melhor avaliado, com 86%, e, para surpresa, depois dele vem Ratinho, com 79%. Em seguida vêm Zema e Tarcísio, ambos empatados com 62%. Tarcísio diz que será candidato à reeleição, enquanto Caiado, Ratinho e Zema estão no segundo mandato e vão partir para o tudo ou nada: a Presidência ou o Senado.

A força de Kassab

O governador Tarcísio de Freitas tomou a decisão menos democrática para escolher o novo procurador-geral de Justiça de São Paulo. Nomeou para o cargo o procurador Paulo Sérgio de Oliveira e Costa, que foi o terceiro colocado na lista tríplice votada pelo MP paulista. O novo procurador é ligado ao secretário estadual de Governo, Gilberto Kassab, presidente do PSD.

Coluna do Mazzini

LULA ESTÁ COM SAUDADE DO ZÉ

Os ventos discretos que passam pelos corredores do Palácio do Planalto e seu Anexo sopram um projeto eleitoral que não é segredo para os inquilinos atrás das portas. Geraldo Alckmin (PSB) está com saudade do Palácio dos Bandeirantes, e a vitrine nacional inédita da chapa com o ex-adversário Lula da Silva pode ser uma poderosa catapulta para sua candidatura a governador de São Paulo. Na agenda, o vice-presidente tem recebido muitos prefeitos e vereadores paulistas – como também de outros Estados. Já ciente, e muito discreto, o presidente Lula da Silva ensaia cantadas a Josué Gomes, presidente da FIESP e filho do saudoso José Alencar, ex-vice presidente do Barba. Oficialmente, a assessoria da Fiesp nega, porém testemunhas de encontro recente entre os dois avisam que Lula voltou a elogiá-lo e o sondou, meio à brinca, meio a sério, para ser seu vice à reeleição. Josué, mineiro que é, gostou, mas não se posiciona. Quem ouviu o papo garante que a condicionante está nos números da economia.

Presidente tem sondado Josué Gomes, da FIESP, para sua chapa, diante de eventual nova candidatura de Alckmin ao Governo de São Paulo

O morde-e-assopra até fevereiro

Não faltam planos para seu futuro. A cada dia, aliados de Arthur Lira, presidente da Câmara, espalham novos projetos pós-presidência. O mais novo é ser ministro das Cidades, caso se veja vencido pelo Palácio com um candidato mais forte que o seu indicado. Ele tem esperanças. Vai forçar a candidatura de Antônio Brito (PSD-BA) até vencer ou negociar algo a tempo. A briga com ministros palacianos é de menos. Lira sabe que o presidente Lula da Silva é mais flexível a negociações, embora a situação hoje esteja bem embaraçada. Lira não se cansa de lembrar aos emissários do Palácio dos inúmeros pedidos de impeachment engavetados por ele.

Data Venia, talkey?

Vai muito bem a relação do ex-presidente Jair Bolsonaro com a família Mendes - do ministro do STF -, pelo menos na pequena Diamantino (MT). Irmão do ministro Gilmar, Francisco Mendes (União Brasil) ganhou a visita e o apoio informal de Bolsonaro, semana passada, à sua nova candidatura à Prefeitura. Francisco já foi prefeito em dois mandatos.

Crise na GOL pode tirar 90 voos diários

No momento em que o Governo lança o Voa Brasil, com passagens a R$ 200, a recuperação judicial da GOL Linhas Aéreas pode ser entrave ao programa. A GOL se encontra em processo de recuperação judicial nos EUA e deverá devolver 16 aeronaves Boeing 737. Esses aviões podem operar em média 90 voos por dia – oferta diária de 19 mil assentos. Se forem comprados por aéreas estrangeiras, o Brasil terá redução de 5% na sua oferta diária de voos, o que prejudica o crescimento da malha aérea. A GOL informa que está satisfeita com as negociações e acordos de arrendamento de aeronaves alcançados até o momento.

FOTOS: MATEUS BONOMI/ANADOLU/AFP; LUIZ SOUZA/NURPHOTO/AFP; LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

por Leandro Mazzini

Com equipes: DF, SP e RJ

Até Caso Chiquinho entra na briga

Os ministros palacianos Rui Costa e Alexandre Padilha articularam para derrotar o presidente da Câmara, Arthur Lira, e seu grupo político para que Chiquinho Brazão (sem partido) continue preso. Daí a revolta pública de Lira há dias com Padilha. O objetivo dos palacianos é também enfraquecer a candidatura de Elmar Nascimento (União-BA) à sua sucessão, mostrando que Lira não tem tanto prestígio e comando na Casa como antes. “Ele não tem mais expectativa de Poder, será no máximo presidente da CCJ ou líder do PP”, diz um aliado do alagoano que mudou o voto para Antônio Brito (PSD-BA).

Saúde segue na UTI do Congresso

As críticas sobre a relação ruim de sua pasta com o Congresso Nacional fizeram Nísia Trindade balançar ainda mais na cadeira. Sua vaga pode cair nas mãos do MDB ou PP do Rio de Janeiro. Há uma velada disputa de nomes dos dois partidos. Até o ex-ministro José Temporão entrou na lista.

O cangaço eleitoral

Após assalto a banco e a carros-fortes em São Paulo, deputados cobram celeridade na votação da Lei do Novo Cangaço (PL 5365/20). A proposta, hoje parada no Senado, torna hediondo o crime de domínio de cidades. Esse crime aumenta em período pré-eleitoral, e há quem aponte ligação com financiamento de candidatos de facção criminosa.

Cerco ao Brazão

A aposta entre autoridades é que dura até o fim do ano o mandato de Domingos Brazão como conselheiro do TCE do Rio. Além do precedente judicial – foi preso na Operação Quinto do Ouro –, apesar de retomar o cargo, o NOVO pediu sua cabeça ao Ministério Público, como acusado de ser um dos mandantes da morte de Marielle Franco.

NOS BASTIDORES

Falácia e descontão

Durante postagens polêmicas no X, nos ataques ao ministro Alexandre de Moraes, Elon Musk foi esperto: mandou a Starlink dar descontão de 50% na sua antena no Brasil.

Ocaso de Tebet

O desânimo da ministra Simone Tebet responde por dois nomes: no Planejamento hoje apagado na Esplanada, ela fica à mercê da ministra da Gestão, Esther Duek, e do ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

A ficadinha deles..

No País de injustiças e onde o presidente já criticou PM que prende ladrão de celular: Mais de 15 mil detentos não retornaram à cadeia após a “saidinha” em 2023. Mas para Lula da Silva e o ministro Lewandowski a saidinha deve continuar.

Agressão brutal

A influenciadora Katiely Marquis, de Macapá, denunciou o ex-namorado Lucas Aguiar Scapin por agressão. Em vídeo, ela aparece com rosto muito machucado. Ele pagou fiança de R$ 5 mil e foi liberado.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Semana

por Antonio Carlos Prado

EUA Protesto contra a prisão de jornalista norte-americano na Rússia: a falsa acusação, como sempre, é a de "espionagem"

CIDADANIA

Joe Biden está longe de ser John Kennedy

Já houve tempo em que presidentes e líderes políticos, fossem dos países que fossem, sabiam de cor e salteado: acolham bem entre suas fronteiras e não desrespeitem os direitos fundamentais de um cidadão norte-americano porque o governo dos EUA tomará duras providências — principalmente se esse cidadão estiver a trabalho. A situação agora mudou. Deteriorou-se. O atual ocupante da Casa Branca, Joe Biden, não é, por exemplo, nenhum John Kennedy, que valorizava seus conterrâneos no exterior. Prova disso é que se completa um ano que o jornalista dos EUA Evan Gerchkovitch está preso irregularmente na Rússia e Biden pouco (ou nada) fez — não tem coragem de exigir que Vladimir Putin o liberte. Na semana passada, novos protestos ocorreram em Washington. **Gerchkovitch foi detido de forma farsesca, acusado de "espionagem" após publicar, estando em solo russo, uma reportagem no *The Wall Street Journal* (em parceria com Georgi Kantchev), intitulada *A economia da Rússia está começando a desmoronar.*** Até o momento o governo obscurantista de Putin não apresentou uma evidência sequer a justificar a acusação de "espionagem". Biden deve impor a democrática constituição dos EUA aos desmandos jurídicos russos. Já são trinta e quatro os jornalistas presos arbitrariamente na Rússia em função do desempenho profissional. **Na segunda-feira 15, a detenção de Gerchkovitch foi prorrogada.**

PRISÃO Gerchkovitch: ele falou a verdade sobre a economia da Rússia. Vladimir Putin não gostou

ALERTA Haidt: exposição dos riscos de adolescentes viverem sem experimentar o convívio pessoal

LIVROS

Ansiedade, depressão e mídias sociais

O excelente livro *The anxious generation* (editora Penguin), de autoria do psicólogo social norte-americano Jonatham Haidt, um dos mais conceituados em todo o mundo, acaba de desembarcar nas livrarias e revolucionará o antigo debate sobre o uso das mídias sociais por adolescentes e jovens. Mais do que interferir no aprendizado e no desenvolvimento das relações sociais, vitais nessa etapa da vida para a construção de uma personalidade adulta, a obra de Haidt demonstra com dados concretos que a excessiva exposição às mídias sociais é uma das maiores responsáveis pela epidemia de ansiedade e depressão, da qual sofrem adolescentes, de forma crescente em todo o mundo. O livro nasceu como blog, onde ele defendeu a teoria de que o exagero de mídias sociais na vida de jovens pode acarretar fatos gravíssimos como, por exemplo, a automutilação — as consequências são preponderantes entre o sexo feminino.

FOTOS: TIMOTHY A. CLARY/AFP; HANDOUT/MOSCOW CITY COURT PRESS SERVICE/AFP; ROY ROCHLIN/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP

DEFESA DA LEI
Polícia dá apoio à operação do Ministério Público: prisão de vereadores que teriam fraudado licitações

SOCIEDADE

Presos vereadores acusados de ligação com crime organizado

A água vai se infiltrando muito lentamente, pode levar anos, mas chega o dia em que a estrutura da casa apodrece. Feito a água, assim é o crime organizado junto a representações políticas que são peças-chaves na sua ilícita consolidação. Trata-se, no Brasil d e hoje, do Estado de Direito passando por subreptício processo de erosão. A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, disse que não se surpreendeu com o fato de mais de cem parlamentares votarem pela soltura do deputado federal Chiquinho Brazão, suspeito de ser um dos mandantes da execução de sua irmã Marielle Franco — ele continua preso devido à eventual ligação com milícias do Rio de Janeiro. Na semana passada, o Ministério Público de São Paulo prendeu três vereadores de cidades paulistas acusados de fraude em licitações para favorecer uma organização criminosa, denominada Primeiro Comando da Capital: Flávio Batista de Souza, Luiz Carlos Alves Dias e Ricardo Queixão – todos presidiram as Câmaras Municipais de suas respectivas cidades (Ferraz de Vasconcelos, Santa Isabel e Cubatão). O famigerado PCC (lembram da lenta infiltração de água?) vai se imiscuindo na política, embora não o tenha conseguido fazer com o nome farsesco sob o qual foi criado: Partido da Comunidade Carcerária (PCC). O grupo criminoso nasceu com tal nome para se fazer representar politicamente e, ao mesmo tempo, nasceu como Primeiro Comando da Capital, braço armado da legenda para o cometimento das ações violentas. Sobre a água, ou ela é represada já ou a sociedade ficará ilhada: cidadãos de bem cercados de bandidos por todos os lados.

FLÁVIO BATISTA DE SOUZA
Vereador em Ferraz de Vasconcelos

RICARDO QUEIXÃO
Vereador em Cubatão

LUIZ CARLOS ALVES DIAS
Vereador em Santa Isabel

FOTOS: POLÍCIA FEDERAL/DIVULGAÇÃO; DIVULGAÇÃO

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES
Felipe Machado, Luiz Cesar Pimentel e Vasconcelo Quadros (Brasília)

REPORTAGEM
Ana Mosquera, Alan Rodrigues, Denise Mirás, Elba Kriss, Marcelo Moreira, Mirela Luiz e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)

COLUNISTAS E COLABORADORES
Cristiano Noronha, Elvira Cançada, Erika Mota Santana, José Vicente, Laira Vieira, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Guedes, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Wagner Rodrigues
DESIGNERS: Sandro Soares e Therezinha Prado
WEB DESIGN: Alinne Nascimento Souza

AGÊNCIA ISTOÉ
Editor: Frédéric Jean

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
publicidade1@editora3.com.br
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
reginaoliveira@editora3.com.br
Diretor de Arte: Pedro Roberto de Oliveira **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação ·
Tel.: (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda ·
Tel.: 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e Administração: Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200
Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização: Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica – R. Osasco, 1086 – Guaturinho, CEP: 07750-000 – Cajamar – SP

DERROTA
Haddad perde confiança do mercado ao rever a meta fiscal

Brasil/Finanças

ARCABOUÇO FISCAL EM XEQUE

O mercado financeiro apresentou uma resposta negativa diante do abandono do objetivo de superávit para 2025, o dólar disparou e o ciclo de redução dos juros pode ter término antecipado: as contas ficarão no azul só em 2027, no novo governo

Mirela Luiz

No quarto mês de vigência do novo Arcabouço Fiscal, o governo federal, por meio do Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) de 2025, propôs reduzir as metas de superávit primário para as contas públicas no ano que vem e criou uma grande instabilidade na economia, sobretudo no mercado financeiro. No PLDO enviado à Câmara, o governo estimou que só alcançará superávit em 2027. Antes, a previsão era conseguir ficar no azul ainda em 2026. No ano passado, ao apresentar a nova regra fiscal, o ministro Fernando Haddad (Fazenda) havia prometido entregar superávit de 0,5% do PIB (Produto Interno Bruto) no ano que vem e alcançar um resultado positivo de 1% do PIB já em 2026, último ano do atual mandato do presidente Lula. Essas medidas incluídas no PLDO facilitarão mais gastos públicos em 2025 e 2026, o que deverá aumentar ainda mais a dívida pública nesse período, revelando as limitações do novo Arcabouço Fiscal. "O problema é que o Arcabouço Fiscal tem um conjunto de regras que são inconsistentes entre si. Quer dizer, quando você faz o arcabouço, prevê um certo crescimento do gasto entre 0,6% e 2,5%, mas com o arcabouço você revoga o teto de gastos. Então, várias indexações de gastos à receita retornaram, como Saúde e Educação, e se tem outros gastos que também são indexados à receita, como transferências, e tudo mais", explica o economista Marcos Lisboa.

As receitas vêm crescendo, mas as despesas estão aumentando num ritmo ainda maior. O governo está tentando fazer um ajuste nas contas públicas, mantendo o equilíbrio ao mesmo tempo em que abre espaço para novos gastos. Pode parecer pouco para o que foi defendido por Haddad, mas há de se ponderar que há dez anos o governo está na corda bamba nas contas públicas. "O novo Arcabouço Fiscal é uma boa regra, mas o PLDO, dessa forma, foi um erro, porque, na verdade, com esses abatimentos em cima de um déficit primário projetado para o ano que vem, pelo próprio governo, a meta zero não representa um esforço igual a zero. O governo poderia entregar um déficit de quase R$ 40 bilhões e, ainda assim, estaria cumprindo a meta zero. Não é um bom sinal", avalia Felipe Salto, economista-chefe e especialista em Política Fiscal da Warren Rena. Essa mudança de postura do governo levanta dúvidas sobre seu compromisso com a responsabilidade fiscal e a estabilização da dívida pública.

Ao esmiuçar o projeto, integrantes da equipe econômica afirmaram que o governo 'sofreu um revés' no Congresso, com a Medida Provisória (MP) 1.202, editada em dezembro. Deputados e senadores não querem retomar a cobrança de contribuição sobre a folha de pagamento de 17 setores mais empregadores (a contribuição previdenciária patronal, de 20% sobre a folha, foi substituída por alíquotas de 1% a 4,5% sobre receita bruta), bem como colocar fim ao Programa Emergencial de Recuperação do Setor de Eventos (Perse). "É irreal acreditar que o mundo político em geral, e o Poder Executivo em particular, irão assistir conformados à redução do gasto discricionário. Daí que, na ausência de medidas que tentem limitar o aumento do gasto obrigatório, chega-se a um momento em que o Executivo tem que escolher entre a manutenção da regra e o afrouxamento do gasto discricionário", opina Alexandre Schwartsman, ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central.

As projeções oficiais indicam uma redução no gasto discricionário (não obrigatório) do governo ao longo dos próximos anos, chegando à metade do nível atual em 2028. Isso ocorre devido ao crescimento contínuo das despesas obrigatórias e às restrições impostas pelo Arcabouço Fiscal. Historicamente, o gasto discricionário acaba sendo priorizado, especialmente em anos eleitorais, o que compromete ainda mais o novo regramento fiscal. "O principal benefício de qualquer regra fiscal é estabilizar as expectativas sobre a trajetória de longo prazo da dívida pública. Mudar interpretações ao sabor das conveniências, ainda que possam parecer apenas esperteza política para garantir algum ajuste fiscal frente ao risco de outras opções de enfraquecimento mais drástico no arcabouço, tem como resultado a perda de credibilidade da regra", defende Marcos Lisboa.

"O problema é o seguinte: o Arcabouço Fiscal tem um conjunto de regras que são inconsistentes entre si"

Marcos Lisboa, economista

DESPESAS MAIORES

As metas fiscais para 2025 e 2026 não estão alinhadas com a trajetória de superávit. As projeções indicam um resultado negativo para esses anos, mas a reconciliação entre o resultado e a meta é feita pela exclusão de parte dos pagamentos de precatórios, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal. "A gente sempre colocou os riscos, desde ano passado, de que na sua construção, o arcabouço tinha falhas importantes, especialmente a dependência muito grande da arrecadação. Havia a necessidade de R$ 350 bilhões até 2026 para fechar a conta

FOTOS: ETTORE CHIEREGUINI/AFP; GABRIEL REIS

“É irreal acreditar que o mundo político em geral, e o Poder Executivo em particular, irão assistir conformados à redução do gasto discricionário”

Alexandre Schwartsman, ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central

CONGRESSO
Clima desfavorável faz governo não optar por novos aumentos de receitas

de 1% do superávit primário. Era praticamente impossível alcançar isso, e a gente está vendo o resultado disso agora”, declara o economista-chefe da MB Associados, Sérgio Vale. As contas públicas estão sujeitas à regra básica de que, enquanto os gastos forem maiores que a arrecadação, a dívida continuará aumentando. A dívida pública brasileira atingirá seu pico em 2027, chegando a 79,7% do PIB, de acordo com o Tesouro. No entanto, há projeções de que esse percentual seja ainda maior em 2030. A escalada da dívida é preocupante e dificulta o aumento dos investimentos e a confiança na administração.

O governo tem buscado ampliar a arrecadação por meio do aumento de impostos, mas essa estratégia tem limites. Será difícil obter apoio político para novos impostos ou o aumento dos existentes. Diante desse cenário, seria esperado que o governo apresentasse um plano consistente para reduzir os gastos de forma necessária. No entanto, há sinais de que essa não é a intenção. A recente decisão de antecipar um gasto extra de R$ 15,7 bilhões mostra que o governo está flexibilizando as regras fiscais. Isso pode trazer alívio imediato, mas os problemas retornarão posteriormente. “Isso pode aumentar o pessimismo dos mercados e reduzir os investimentos no Brasil”, afirma o ex-ministro da Fazenda Henrique Meirelles. Há ainda a preocupação com a trajetória dos gastos obrigatórios, sobretudo das despesas previdenciárias e assistenciais, que são atreladas ao salário mínimo. Para 2025, o governo projetou na LDO o valor de R$ 1.502 para o mínimo, com uma alta de 6,37%. “O governo terá que rever todo o seu planejamento de meta e a gente vai ter déficits sequenciais nos próximos anos, inclusive nesse ano, o que coloca a questão de que o regime fiscal terá que ser reconstruído a partir do próximo governo”, alerta Vale.

“Entendo que o novo Arcabouço Fiscal é uma boa regra, mas o PLDO, dessa forma, foi um erro”

Felipe Salto, economista-chefe da Warren Rena

“Não se pode dizer que se trata de uma enorme surpresa. Pelo contrário, toda e qualquer regra que tente conter a despesa primária total no País por meio de algum limite geral ao seu crescimento (no máximo a inflação, como era com o antigo teto de gastos, ou uma banda determinada pela evolução das receitas, como prevê o novo Arcabouço Fiscal) acaba levando, cedo ou tarde, à colisão entre a expansão contínua dos gastos obrigatórios — determinada pela demografia, leis,

FOTOS: ZECA RIBEIRO; MARCO ANKOSQUI;

“Isso pode aumentar o pessimismo dos mercados e reduzir os investimentos no Brasil”

Henrique Meirelles,
ex-ministro da Fazenda

política de salário mínimo etc. — e o ritmo imposto à despesa total”, expõe Schwartsman. Quanto mais o Estado deve, maior é a dúvida sobre sua capacidade de pagamento. Assim que a mudança nas metas fiscais foi anunciada, os juros de longo prazo subiram, dificultando o objetivo de aumentar a taxa de investimento na economia, que ficou em 16,5% no ano passado, abaixo da necessidade de 25%. “Já deveríamos ter aprendido que a visão de curto prazo pode trazer alívio imediato, mas os problemas retornam com mais força posteriormente. O País precisa aumentar os investimentos, o que depende da confiança no governo. Para que haja queda nos juros de longo prazo é necessário reduzir a dívida pública, o que exige coragem para cortar gastos. Esse é o caminho, não há soluções mágicas”, afirma o ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central.

“A gente sempre colocou os riscos, desde ano passado, de que na sua construção, o Arcabouço Fiscal tinha falhas importantes”

Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados

MOMENTO ERRADO

Além disso, o mercado está preocupado com a crise no Oriente Médio, o que é especialmente ruim para o governo Lula. Existem vários problemas se acumulando. O preço do petróleo também subiu bastante. A Petrobras está sem presidente do Conselho de Administração, e o presidente executivo está sendo contestado por ministros do próprio governo. Outros problemas também estão afetando o Brasil, como a alta do dólar. Recentemente houve o vencimento de títulos atrelados ao dólar que foram emitidos em 1997. Quando esses títulos venceram, os bancos precisaram comprar dólar no mercado. Além disso, a balança comercial e a safra estão mais fracas este ano. O exportador não está lucrando com a valorização do dólar. Com o preço do petróleo chegando a US$ 90 e o dólar a R$ 5,26 — maior patamar em mais de um ano — a pressão por um reajuste nos preços dos combustíveis aumenta. Os preços internos estão defasados e, se o preço do petróleo subir, mesmo que temporariamente, no curto prazo a situação só vai piorar. Isso vai colocar o governo em apuros. A classe média, que possui carros, já está sentindo os impactos, e manter os preços como estão vai afetar negativamente a Petrobras. Não se trata apenas de discutir se haverá ou não dividendos extraordinários na estatal, mas sim que haverá menos dividendos para distribuir. ■

A REAÇÃO DE LIRA

Em novo atrito com o Palácio do Planalto, o presidente da Câmara ameaça com retaliações por conta de uma suposta interferência do governo em votação sobre prisão de deputado e na demissão de um primo do comando do Incra em Alagoas

Marcelo Moreira

A reação do presidente da Câmara a uma série de movimentos do governo federal contra ele e seu grupo político segue o roteiro clássico de alguém que anseia por vingança. Sentindo-se traído e desprestigiado pelo corte de emendas parlamentares e demissão de parentes, entre outras coisas, Arthur Lira não teve pudor em mandar recados ao presidente Lula: o governo terá problemas no Congresso na discussão de projetos e vetos presidenciais. Os principais ministros sentiram o golpe e viram piscar a luz de alerta sobre uma nova crise entre o Executivo e Legislativo, mas ainda não sabem ao certo como conter a ira de Lira. "Há um consenso de que ele está agindo por vingança e que quer mostrar que tem poder e influência. Isso beira a chantagem", comentou um parlamentar da base aliada do governo que pediu anonimato.

A nova fase de atritos com o Palácio do Planalto faz parte de um jogo de xadrez que tem como pano de fundo a sobrevivência política de Arthur Lira no Congresso. Ao mesmo tempo em que pressiona Lula e o governo em busca de espaço, prestígio e mais benefícios, o presidente da Câmara é muito pressionado por um Centrão cada vez mais ávido por cargos e verbas públicas. E as cobranças sobre ele são muitas, principalmente da oposição, em um ano que precede a eleição da nova mesa diretora da Casa. Lira tem como prioridade fazer o seu sucessor.

A origem do atual desgaste começou com a prisão do deputado Chiquinho Brazão (sem partido-RJ) pela Polícia Federal sob acusação de ser um dos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco, em 2018. Instigado pelo Centrão, Lira reclamou da orientação das lideranças petistas para que a Câmara votasse a favor da manutenção da prisão do deputado, considerando uma "interferência indevida" no Legislativo. Queixou-se também de um suposto vazamento, atribuído ao Palácio do Planalto, de que teria atuado em favor da soltura de Brazão, o que lhe teria causado desgaste junto à opinião pública. Por conta disso, em um evento em Curitiba, chamou o ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, responsável pela articulação política do governo, de "incompetente" e "desafeto pessoal". Embora esperasse que Lula afastaria Padilha do ministério, aconteceu o inverso. O presidente afirmou que "só por teimosia, Padilha ficaria por muito tempo ainda no governo". A coisa piorou quando Lira soube pelo Diário Oficial que o superintendente do Instituto Nacional de Reforma Agrária (Incra), em Alagoas, Wilson César de Lira Santos, seu primo, foi demitido.

ACENO
Mesmo irritado com as críticas de Lira, Lula aceita conversar para aparar as arestas

FOTOS: CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO; ETTORE CHIEREGUINI/AFP

RETALIAÇÃO
Arthur Lira não gostou de saber da demissão do primo, César Lira (no destaque acima), do Incra de Alagoas

PAUTAS-BOMBA

Sem perder tempo, o presidente da Câmara começou a articular um "pacote de maldades" contra o governo. Avisou que deve autorizar a abertura de cinco CPIs (Comissões Parlamentares de Inquérito) simultâneas, todas com potencial de desgaste, como o "abuso de autoridade do Judiciário" e "avanço da epidemia de crack nas cidades". Também articula a derrubada de vetos presidenciais, como o que impede a concessão de R$ 5,6 bilhões em emendas parlamentares e os trechos do projeto que restringe as saídas temporárias de presos de presídios, conhecidas por "saidinhas". Pretende também dar andamento às discussões sobre propostas que limitam a atuação do Judiciário da Polícia Federal no Legislativo e sobre os parlamentares e ("PEC da Blindagem"), que tem a oposição do governo, e pautar discussões sobre a regulamentação das redes socais, mas sob o ponto de vista da oposição. Outro projeto que pretende colocar na pauta prevê mais rigor nas punições a invasões de terra promovidas por movimentos sociais, como o MST, algo sensível para o Palácio do Planalto.

O governo Lula começou a agir para tentar conter os danos, mas pode ter sido tarde demais, na avaliação de alguns agentes políticos. Rui Costa, o ministro-chefe da Casa Civil, está em contato direto com Lira para arrefecer a ira do parlamentar. Recebeu a incumbência de dizer que Lula estaria disposto a recebê-lo para resolver as pendências. Paulo Teixeira, o ministro do Desenvolvimento Agrário, disse que Lira sabia com antecedência da troca no Incra de Alagoas – ocorrida por pressão do MST – e abriu a possibilidade para que o presidente da Câmara indique o sucessor. Como o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, está no exterior, há um desfalque no time para defender os vetos presidenciais que envolvem questões orçamentárias – justamente aquelas que estão na mira de Arthur Lira. Por enquanto, a reação do Palácio do Planalto parece ser insuficiente para aplacar a ira de Lira, além de não garantir que o presidente da Câmara volte à carga no futuro. ■

FRAGILIDADE
Para estimular o desenvolvimentismo, o desmatamento mudou a fisionomia do cerrado: região foi devastada, mas população continua pobre

CERRADO É A NOVA FRENTE DO DESMATAMENTO

A flexibilização da legislação e autorizações irregulares desmataram quase um milhão de hectares de vegetação nativa e entregam ao agronegócio 17 bilhões de litros de água por dia no Oeste da Bahia nos governos Jaques Wagner e Rui Costa: preço alto do desenvolvimento

Vasconcelo Quadros

O presidente Lula tem bons argumentos para mostrar ao mundo que o desmatamento e queimadas na Amazônia eram gerados, em grande parte, pela desastrada gestão ambiental de seu antecessor. O número de alertas vem caindo desde que o petista assumiu seu terceiro mandado e, em março, atingiu 54% a menos que no mesmo período do ano passado. O problema agora é a devastação do cerrado, cujo bioma, frágil e desprotegido, vem sofrendo um crescente aumento de desmatamento graças a políticas desenvolvimentistas equivocadas que, se tiverem de ser interrompidas, o governo petista precisará cortar na própria carne: os maiores números de destruição da vegetação nativa do cerrado estão no Oeste da Bahia e foram impulsionados por políticas públicas nas gestões no governo baiano do líder do governo no Senado, Jaques Wagner, e do ministro da Casa Civil, Rui Costa. Para facilitar a vida de grandes empreendedores do agronegócio, os dois flexibilizaram a legis-

FOTOS: NELSON ALMEIDA/AFP; TON MOLINA/AFP

lação ambiental e deixaram ao sucessor, também do PT, um rastro de destruição estimado em quase um milhão de hectares de vegetação nativa suprimidas, além de entregarem ao agronegócio portarias de outorga em recursos hídricos equivalentes a uma vazão diária estimada em 17 bilhões de litros de água, uma ameaça aos recursos hídricos naturais da região.

Os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) na segunda semana de abril revelam que o eixo do desmatamento desloca-se continuamente para o bioma do cerrado, com um crescimento de 24% na comparação entre março deste ano e março do ano passado. O sistema conhecido como Deter, que faz o levantamento da cobertura vegetal em tempo real por satélite, emitiu alertas que somam 523,72 quilômetros quadrados devastados, o mais alto do mês nos últimos seis anos. Em março do ano passado, foram registrados alertas equivalentes a 423,24 quilômetros quadrados. Em todo o ano de 2023, foram 7.828 quilômetros quadrados devastados, 43% a mais do que 2022, que atingiu uma área de 5.463 quilômetros quadrados. As projeções do próprio governo indicam que neste ano o desmatamento baterá um recorde ainda maior porque nos estados que mais desmatam (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, na região conhecida como Matopiba) o agronegócio tem um grande volume de autorizações represadas. Na Bahia e Piauí, por exemplo, os empreendimentos rurais seguraram cerca de 50% das autorizações já concedidas, sem falar no desmate ilegal, sobre o qual o combate é pífio se comparado com outros biomas.

ERROS Rui Costa deu sequência à arriscada política desenvolvimentista de Jaques Wagner, de abrir o Oeste da Bahia para o agro

PRODUÇÃO DE GRÃOS

"A estratégia do governo federal é preservar a Amazônia, que tem um apelo internacional grande, e usar o cerrado como o bioma do sacrifício para a produção de grãos", diz a bióloga e pesquisadora Margareth Maia, do Instituto Mãos da Terra (Imaterra), responsável pelo levantamento que identificou os altos índices de desmatamento no Oeste da Bahia. Ela analisou 5.126 portarias de Autorização de Supressão de Vegetação Nativa (ASV) entre setembro de 2007 e junho de 2021 em todo o estado, num total de 992.587 hectares, das quais 80% são áreas de exploração de produtos agrícolas, basicamente soja e algodão, nas bacias dos rios Grande e Correntes, no Oeste baiano. "O estado da Bahia foi pioneiro na preparação de terreno para que o agronegócio pudesse agir em todo o cerrado brasileiro sem entrar na ilegalidade. É desmatamento autorizado. Fragilizaram a legislação tornando o órgão ambiental como um cartório na liberação de ASV. Foi uma política de Estado em localidades habitadas por povos tradicionais, sem que o arrojado projeto de produção alterasse os indicadores socioeconômicos de uma região que continua pobre", afirma Maia.

Com o apoio da Universidade Federal da Bahia e outras duas ONGs, a WWF-Brasil e o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), o levantamento analisou as ASV em 26 estabelecimentos rurais no Oeste baiano, concluindo que houve uma série de irregularidades nas concessões, entre elas o impacto em pelo menos 30 cursos d'água que devem ser afetados pelo desmatamento. O estudo alerta que o desmatamento alcançou áreas de preservação e que alteração da capacidade de recarga hídrica pode afetar rios, riachos e córregos da bacia do Rio São Francisco, o Velho Chico dos nordestinos. Junto com as ASV, incluindo aí a região do Rio Carinhanha, o Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia (Inema) liberou, entre 2007 e 2022, 835 portarias de outorgas hídricas, permitindo que os empreendimentos se apropriassem de uma vazão diária estimada em 17 bilhões de litros de água por dia. Desse volume, 3,93 bilhões de litros são de reservas subterrâneas do Aquífero Urucuia, maior fonte de suprimento do São Francisco. Outros 13,07 bilhões de litros saem da superfície dos rios, o que, pelo volume, também comprometem a manutenção da vazão dos cursos d'água da região. O agro consome, no Oeste baiano, uma vazão de água equivalente a nove vezes o consumo diário de uma cidade como São Paulo.

CONTRADIÇÕES

A opção do governo baiano nas gestões petistas tem duas contradições: uma estadual, já que boa parte do PT e de ambientalistas baianos, como a ex-mulher de Jaques Wagner, Bete Wagner, ex-prefeita de Salvador e que coordenou uma frente parlamentar de apoio aos estudos, questionando as políticas adotadas; a outra está no núcleo do governo Lula, que se escuda na habilidade política de seu líder no Senado, Jaques Wagner, e no ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa. Foi na gestão deles que o Inema e a Secretaria de Meio Ambiente da Bahia, ocupada por um genro de Wagner, Eduardo Sodré, executaram uma mudança na legislação, facilitando o agronegócio de exportação na área. O governo agora estuda programas para conter o avanço do desmatamento no cerrado e já chamou os governadores da região para deflagrarem um projeto de preservação. ■

VIOLÊNCIA Assaltos a instituições financeiras e carros fortes: alvos do crime organizado

(IN)SEGURANÇA PÚBLICA: IMPACTOS ECONÔMICOS

O aumento de gastos em segurança, que chegam a 5,9% do PIB, maiores que investimentos na educação, não alteram os índices de percepção da população, que continua assustada com a violência: especialistas cobram papel mais forte do governo federal

Vasconcelo Quadros

Em 2022, os gastos totais com segurança pública, que vinham aumentando ano a ano, alcançaram R$ 595 bilhões, o equivalente a 5,9% do Produto Interno Bruto (PIB), impulsionaram a redução de algumas modalidades de crime, como os homicídios, mas não alteraram a percepção da população. O brasileiro, especialmente o que mora nas grandes cidades, continua se sentindo inseguro, vê sua capacidade de mobilidade e de trabalho reduzidas, o patrimônio ameaçado e o bem-estar afetado. Há, ainda um agravante: as novas tecnologias que surgiram para facilitar a vida das pessoas encontraram terreno fértil para a perpetração de golpes que tornaram o país um dos mais visados para fraudes virtuais. Embora não existam ainda estimativas, o sociólogo Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), diz que pelos relatos analisados pelos especialistas, os crimes virtuais representam, em volume financeiro, prejuízos bem superiores aos tradicionais crimes contra o patrimônio. “Golpes na internet e furto de celulares rendem mais que ataques a caixas eletrônicos, assaltos a banco ou outras modalidades criminosas”. As fraudes virtuais se expandiram com a pandemia e, em 2022, chegaram a 8,5 milhões de ocorrências, segundo instituições financeiras e entidades de proteção ao crédito.

Dados da Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos (SAE), da Presidência da República, apontam que, em 2022, só a inicia-

FOTO: DIVULGAÇÃO

(Por TV Notícias | Cristiane Porto • Foto: Reprodução)

Cristiane Porto: Reinventando a Contabilidade com Inovação e Empoderamento

Cristiane Porto é uma figura notável no universo da contabilidade, onde sua jornada não apenas reflete sua competência profissional, mas também sua determinação em desafiar barreiras. Em um meio tradicionalmente masculino, Cristiane enfrentou e superou os desafios de atuar como mulher, tornando-se uma referência não só pela excelência em serviços contábeis, mas também pela defesa da igualdade de gênero no mercado de trabalho.

À frente da Portho Contábil e Consultoria, Cristiane lidera uma empresa que não se limita a números e cálculos. A abordagem humanizada é uma marca registrada da Portho Contábil, onde cada cliente é tratado não apenas como um número, mas como um parceiro valioso. Essa visão vai além dos serviços tradicionais de contabilidade, abraçando a importância das relações e parcerias duradouras.

Um dos diferenciais da Portho Contábil é seu aplicativo exclusivo, que proporciona aos clientes uma experiência simplificada e eficiente na gestão de suas informações contábeis. Essa ferramenta não apenas agiliza processos, mas também reflete o compromisso da empresa em oferecer soluções tecnológicas que atendam às necessidades e expectativas dos clientes.

Além disso, a Portho Contábil se destaca na recuperação de créditos tributários, área na qual Cristiane e sua equipe demonstram expertise e comprometimento. Para Cristiane Porto, "nossa abordagem vai além da recuperação de créditos; buscamos garantir que nossos clientes estejam protegidos de riscos e em conformidade com a legislação, proporcionando-lhes segurança e tranquilidade".

A visão empreendedora da Portho Contábil se reflete na Universidade Portho, um projeto inovador que oferece cursos para capacitação e atualização profissional. Atualmente disponíveis para os colaboradores da empresa, esses cursos em breve estarão acessíveis a outras empresas e ao público em geral, demonstrando o compromisso da Portho Contábil em disseminar conhecimento e elevar o padrão de excelência no setor contábil.

Cristiane Porto e a Portho Contábil representam não apenas uma história de sucesso, mas também um exemplo de como a inovação, a humanização e a igualdade de gênero podem transformar positivamente um mercado. Sua trajetória é um testemunho do poder da determinação e da visão empreendedora em criar impacto e inspirar mudanças significativas. ■

Saiba mais:
Site: www.porthocontabil.com

Equipe Portho Contábil e Consultoria

Fotos: Divulgação

tiva privada gastou com segurança R$ 171 bilhões, o equivalente a 1,7% do PIB. Os dois principais indicadores de violência, o Anuário do FBSP e o Atlas da Violência 2023, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostram que, depois que estados e municípios passaram a adotar programas de ação e prevenção, os homicídios diminuíram. Pelo Anuário, de 2021 para 2022, as mortes violentas com dolo caíram de 40.336 para 39.629. Já pelo Atlas, que incorpora também informações do Ministério da Saúde, em 2021 foram 47.487 homicídios, 4,1% a menos do que 2020, quando foram registrados 49.868 casos. Na década analisada, entre 2011 e 2021, a queda foi de 9,4%. Ainda assim, segundo Lima, a sensação de insegurança não foi alterada. "Mesmo com os homicídios em queda, o brasileiro se sente apavorado". O roubo e furto de veículos aumentaram 8% de 2021 (334.715) a 2022 (373.225) e o elevado número de roubos em geral contra o patrimônio subiu de 926.423 para uma freqüência de 2.538 casos por dia. As espetaculosas operações que resultam em confronto em morros ou favelas entre polícia e bandidos, que frequentemente terminam em execuções ou em mortes com os moradores em meio ao fogo cruzado, também contribuem para aumentar a insegurança nas grandes cidades. Em 2022 foram 6.429 mortes por intervenção policial, representando 13,5% dos homicídios em geral.

O jornalista Bruno Paes Manso, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, diz que a proliferação das facções criminosas que se articulam a partir dos presídios e a disputa por territórios entre o tráfico e as milícias revelam-se um agravante no cenário da violência. "São mais de 70 facções no país. Duas delas, o Comando Vermelho o PCC, atuam no comércio atacadista internacional da cocaína, articulados com gangues dos países produtores e ganham em dólar. Mesmo com o crescimento dos investimentos em segurança, a polícia repete vícios, apostando em operações ostensivas, quando é necessária a ação de planejamento e inteligência, compreensão do crime nos aspectos financeiros e de infiltração da política entre os criminosos."

É consenso entre os especialistas que a diminuição da violência que assusta e inibe a população passa, necessariamente, pelo protagonismo do governo federal na coordenação de ações integradas com estado e municípios por meio de um plano nacional de segurança a longo prazo. Renato Sérgio de Lima acha que, como o combate a crimes violentos ou contra o patrimônio não produzirá resultados imediatos, o governo deveria agir como o gestor que investe em obras de saneamento básico que ninguém vê, até que os indicadores apontem as mudanças. Lima acha que a troca do ministro Flávio Dino pelo ex-ministro do STF, Ricardo Lewandowski, no Ministério de Justiça e Segurança Pública, reduziu a articulação com os estados a ponto de parecer que o governo federal quer coordenar mais a segurança, que não é só dinheiro. "O país tem 1.600 agências de segurança, 86 delas policiais que deveriam agir com protocolos comuns. Falta coordenação do sistema, capacidade de governança e integração." ■

CUSTOS DA VIOLÊNCIA

• Em 2022 os gastos públicos e privados com segurança pública alcançaram **R$ 595 bilhões** ou algo em torno de

5,9%

do PIB brasileiro

• Apenas as empresas gastaram **R$ 171 bilhões,** o equivalente a

1,7%

do PIB*

* Dados da Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República

• O total de roubos em 2022 foi de

962.423

casos, taxa de **456,2 por 100 mil habitantes;**

238 roubos contra instituições financeiras, com taxa de **0,4 por 100 instituições**; e,

13.032

roubos de cargas, com taxa de **6,5 por 100 mil habitantes****

**Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

POLÍCIA As próprias forças de segurança são fatores de intranquilidade para a população

FOTO: FABIO TEIXEIRA/AFP

(Por TV Notícias)

Edgard Leite: Advocacia entre Tradição e Modernidade no Ibirapuera

São Paulo - À frente do Edgard Leite Advogados Associados, localizado no Ibirapuera, Edgard Leite destaca-se não apenas por sua liderança no direito, mas também pela capacidade de equilibrar inovação tecnológica com uma abordagem profundamente humana. Sob sua direção, o escritório se transformou num modelo de advocacia que alia excelência jurídica à sensibilidade pessoal.

Desde a transição para a informatização iniciada em 1998 na Rua Dr. Renato Paes de Barros, Edgard antecipou a importância de integrar a tecnologia na prática do direito. "A tecnologia começou a transformar nossa maneira de trabalhar desde o início, e hoje somos 100% digitais", explica Edgard. Essa transformação inclui não apenas a digitalização dos processos, mas também a incorporação da inteligência artificial para melhorar a eficácia e oferecer serviços jurídicos diferenciados.

Edgard tem um compromisso com a vanguarda tecnológica, mas mantém o toque humano como fundamental. "Embora utilizemos as mais avançadas ferramentas digitais, nosso foco continua sendo o relacionamento direto e pessoal com cada cliente", afirma. Esse equilíbrio entre alta tecnologia e interação pessoal é a marca registrada do escritório, refletindo-se na maneira como tratam cada caso com a mesma dedicação e atenção.

Sob sua gestão, o escritório ampliou significativamente suas áreas de atuação. Inicialmente focado em direito público, hoje abrange também direito empresarial, tributário, imobiliário e muitos outros, sempre em resposta às necessidades emergentes de seus clientes. "Nos últimos 50 anos, crescemos em tamanho e especializações, sempre com o objetivo de oferecer a cobertura mais completa e profunda possível", comenta Edgard.

Um busto do pai de Edgard, que inspirou o nome e os valores do escritório, ocupa um lugar de honra, servindo como lembrete diário das raízes éticas e do compromisso com a excelência.

Além de ser advogado e gestor, Edgard se dedica a fomentar um ambiente de trabalho onde a inovação é encorajada, mas o bem-estar e o desenvolvimento pessoal são prioritários. Ele promove um espaço onde advogados e funcionários podem crescer, contribuir e se sentir parte de algo maior, não apenas como profissionais, mas como pessoas valiosas dentro de uma equipe coesa e respeitadora.

Esta abordagem garante que Edgard Leite Advogados Associados não seja apenas um lugar para trabalhar ou um serviço a contratar, mas um local onde a excelência legal é alcançada através da paixão ao Direito, inovação e respeito mútuo, fazendo de Edgard Leite um nome respeitado e querido no campo jurídico. ■

O MUNDO MAIS PERTO DE UM CONFLITO GLOBAL

Agressão inédita do Irã pode levar a uma **escalada militar sem controle**. **Potências mundiais buscam dissuadir Israel** de uma retaliação perigosa, mas parecem **impotentes para barrar uma resposta** que leve à **ampliação do extremismo** na região. **A disputa no Oriente Médio pode se tornar mundial**

Marcos Strecker e Denise Mirás

Na madrugada de domingo, 14, uma ataque direto do Irã a Israel mudou a geopolítica do Oriente Médio, alarmou a comunidade internacional pelo risco de um conflito nuclear e comprovou que o mundo vive uma nova fase de guerras globais com consequências imprevisíveis. Numa escalada das hostilidades iniciadas com a incursão terrorista do grupo Hamas em 7 de outubro passado, que custou só naquele dia a vida de 1.200 israelenses, a República Islâmica do Irã desferiu um bombardeio massivo. Foram lançados 185

FOTOS: MOSTAFA ALKHAROUF/AFP; AFP; MOHAMMAD HAMAD/AFP; TOMER NEUBERG/AP

INÉDITO Mísseis e drones atingem Jerusalém (acima à esq.), no dia 14. Ao lado, sistema de Defesa antimísseis israelense é acionado. Acima, o rastro luminoso de artefatos sobre a Mesquita de Al-Aqsa (Jerusalém). Abaixo, explosões iluminam o céu de Tel Aviv

drones, 110 mísseis balísticos e 36 mísseis de cruzeiro ao país. A maioria dos artefatos saiu do Irã, mas uma parte pequena partiu de bases no Iraque e Iêmen.

O argumento do regime dos aiatolás é que a agressão foi uma retaliação pelo bombardeio de Israel a sua embaixada na Síria no último dia 1º, quando 11 militares iranianos foram mortos, inclusive o general Mohammad Reza Zahedi, comandante sênior da Guarda Revolucionária, grupo de elite que se reporta diretamente ao líder supremo do país, o aiatolá Ali Khamenei. As Forças de Defesa de Israel (FDI) não reivindi-

caram a autoria da ação, como é comum nessas situações, porém há pouca dúvida da sua autoria.

A justificativa não muda a gravidade do ataque coordenado contra Israel. Há poucos anos, o mundo parecia encontrar uma nova época de paz e prosperidade. Não só havia a ilusão de que a OTAN, a aliança militar ocidental, se tornaria irrelevante pela falta de ameaças concretas, como Israel parecia se encaminhar para um processo de pacificação histórica com seus vizinhos do Oriente Médio e inimigos do mundo muçulmano. Além de Egito e Jordânia, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Marrocos e Sudão firmaram tratados de normalização diplomática. A Arábia Saudita seria o próximo país a tomar esse caminho. Mas o cenário mudou dramaticamente. Agora, o mundo parece à beira do abismo com a radicalização acelerada na região agravada pela invasão de Putin à Ucrânia, que assusta a Europa, e leva o bloco se rearmar e promover o renascimento da OTAN.

"ESPETACULARIZAÇÃO"

Nem o fato de os ataques de domingo terem sido concebidos como efeito de "espetacularização" mas pouca efetividade atenua o clima de apreensão. De fato, quase todos os artefatos foram abatidos antes de atingirem seu alvo. Ficou evidente, segundo, analistas, que houve o cuidado da parte do Irã em evitar que o ataque escalasse de forma imprevisível. "Israel foi avisada 72 horas antes sobre qual tipo de ataque seria, quais seriam os alvos e em qual faixa de horário. Foi uma resposta coreografada, para não causar muitos danos. O Irã acertou a base militar de onde teria saído o caça israelense rumo à sua embaixada em Damasco, mas a ação funcionou mais como pressão psicológica, para divulgar as cenas de mísseis circulando por todas as cidades de Israel", diz Antônio Feijó, especialista em Direito Internacional. A resposta de Israel, por outro lado, serviu para divulgar a eficiência da sua Defesa, da sua tecnologia. O Irã lançou drones mais lentos, que demoraram duas horas para chegar a Israel, e os mísseis utilizados também não foram os mais rápidos. Israel teve tempo para recalibrar seus mísseis antibalísticos, e a antecipação do bombardeio também permitiu que EUA, Reino Unido, França e Jordânia ajudassem a abatê-los.

A ação serviu para tirar Benjamin Netanyahu das cordas. O primeiro-ministro israelense está sendo questionado em seu país pela ação ineficiente na eliminação do grupo Hamas em Gaza, sem a libertação dos reféns e com uma tragédia humanitária que afasta seus aliados e tende a isolar o país no cenário internacional. Passam de 32 mil os palestinos mortos em Gaza, sendo metade crianças e adolescentes, conforme números recentes. O apoio militar que Israel recebeu, inclusive da Jordânia, foi providencial e ocorreu num momento delicado em que o premiê está sendo duramente pressionado pelo maior aliado, os EUA, para reverter a tragédia humanitária em Gaza. Toda a preocu-

ESCALADA
O premiê Benjamin Netanyahu (ao lado) se reúne com o Gabinete de Guerra israelense após o ataque do dia 14. No centro, o embaixador israelense Gilad Erlan (esq.) troca acusações com o representante iraniano Amir Saeid Iravani no Conselho de Segurança da ONU. Embaixo, Joe Biden e assessores de Segurança avaliam a crise na Casa Branca

FOTOS: ISRAELI PRIME MINISTER OFFICE/AFP; DAVID DEE DELGADO/AFP; CHARLY TRIBALLEAU/AFP; WHITE HOUSE/AFP

pação agora é com a resposta que o israelense dará. O medo das potências é que a reação militar saia do controle, envolvendo outros países no conflito. “Israel deve estar ponderando se parte para um ataque direito ou se atém ao esquema do próprio Irã, alguma ação limitada”, avalia Feijó.

Joe Biden não é o único líder que tem ativamente tentado evitar uma resposta perigosa de Israel. Reino Unido, Alemanha e França tentam dissuadir o país de retaliar o Irã. Mas Netanyahu, depois de receber na quarta-feira a visita dos ministros das Relações Exteriores do Reino Unido (David Cameron) e da Alemanha (Annalena Baerbock), não pareceu persuadido. “Eles têm todos os tipos de sugestões e conselhos. Aprecio isso, mas quero deixar claro: tomaremos nossa própria decisão”, declarou. Entre as possíveis retaliações, avaliam especialistas, estão um ataque direto ao Irã, ciberataques ou assassinatos de alvos ligados ao regime de Teerã. O objetivo seria mandar uma mensagem clara, marcar uma posição de força e ao mesmo tempo evitar a escalada do conflito. Internamente, a oposição a Netanyahu considera que a agressão iraniana marca o fracasso da política histórica de dissuasão israelense. Na visão dos críticos, essa política foi praticamente implodida depois do fiasco de 7 de outubro e do bombardeio massivo do regime dos aiatolás. O Irã nunca havia atacado diretamente o território israelense. Nas últimas décadas, fez isso apenas por meio de grupos terroristas armados e orientados pelo regime, como o próprio Hamas (em Gaza), o Hezbollah (no Líbano) e os Houthis (no Iêmen). Em outras palavras, Netanyahu, que manteve sua longevidade projetando uma política de “segurança em primeiro lugar” (até como justificativa para impedir a criação de um Estado palestino e garantir a expansão das colônias judaicas na Cisjordânia), conseguiu exatamente o contrário: enfraquecer o país diante de seus inimigos, que já não temem o seu poderio militar.

RETALIAÇÃO DE ISRAEL

Uma forma de evitar uma resposta perigosa de Israel seria diminuir a ameaça representada pelo Irã e conter a sua expansão bélica. O país já sofre um grande número de sanções, mas isso não tem contido o regime, que se escora na retórica bélica e no discurso antiamericano para não se fragilizar diante da opinião pública, ainda que protestos internos sejam cada vez mais frequentes. Mesmo assim, novas sanções são analisadas neste momento por um grupo de sete nações, incluindo EUA, Reino Unido e Alemanha. O grande temor é que o Irã consiga atingir o objetivo de desenvolver armas nucleares, algo que sempre foi negado oficialmente, ainda que tudo não passe de um jogo de cena. Desde 2018, quando Donald Trump rompeu o acordo nuclear com o Irã, removendo na prática o controle de inspetores da ONU sobre as suas unidades de enriquecimento de urânio, o país acelerou o desenvolvi-

mento de sua capacidade nuclear. Os ataques do dia 14 reavivaram esse receio. Mesmo sem contar com a bomba atômica e sofrendo grave crise econômica, o Irã reforçou sua produção militar nos últimos anos com a fabricação de drones. É um dos principais fornecedores desse tipo de armamento para Vladimir Putin atacar a Ucrânia.

BIDEN E NETANYAHU

Os atores estão reagindo racionalmente, avalia o cientista político Leandro Consentino. "Netanyahu tenta ampliar o conflito e estendê-lo o quanto puder, para manter de alguma forma a relevância de seu governo, que estava com a popularidade em baixa. Está jogando como lhe favorece, sem se preocupar com um aliado [Joe Biden] que não o agrada." O cálculo do presidente americano é completamente outro. "Ele está em uma sinuca complicada, precisando mostrar uma postura mais agressiva, dado que ocorreu um ataque a um aliado dos EUA. Mas o democrata não quer tomar partido em uma ação bélica aberta, mesmo porque não se alinha a Netanyahu, que é mais próximo de Trump, seu adversário na eleição à Presidência", diz o especialista. Para o israelense, é até bom que o conflito se prolongue para enfraquecer Biden no pleito de novembro nos EUA. Para Biden, trata-se de um nó complicado a desatar, com questões de Estado misturadas à situação de governo. Qualquer erro de cálculo pode custar sua reeleição. Seus passos têm de ser minuciosamente calculados.

Para os EUA, há ainda a questão do custo de apoiar Israel. Pelo menos dois terços dos recursos utilizados pela defesa de Israel no ataque do dia 14 ficaram a cargo dos EUA, segundo Feijó. "Portais de Israel mencionaram US$ 1 bilhão, do total de US$ 1,3 bilhão, com o outro terço dividido entre Israel, Reino Unido, França e Jordânia, gastos em apenas uma noite", afirma. Isso inclui caças e mísseis lançados do solo, que podem ter partido de bases de países da OTAN, como França e Reino Unido mas também Turquia, Emirados Árabes Unidos ou Arábia Saudita. "Em campanha presidencial e a população americana sofrendo com inflação, para Biden esse bilhão de dólares é muito dinheiro. Ele tem compromisso histórico, mas precisa controlar a ajuda econômica", afirma.

O eventual alastramento do conflito também aumenta a incerteza sobre a economia mundial.

"Na retomada pós-pandemia, em 2021-2022, o preço do barril de petróleo passou de US$ 38 para US$ 60, sinalizando a volta do interesse por compras e contratos futuros. Acreditava-se no crescimento da economia e, para isso, era preciso contar com mais combustível", destaca o economista Alessandro Azzoni, especializado em mercados internacionais. Porém, a invasão da Ucrânia, em 2022, limitou as exportações de um fornecedor importante de petróleo – a Rússia –, o que levou o barril a US$ 120 e a inflação em países na Europa batendo em altíssimos 9%. Nos EUA, há 12 meses está nos 3,5%. "Nestes dois anos o mercado se acalmou e o preço do barril havia se estabilizado em torno dos US$ 70. Agora, em meio ao turbilhão Israel-Irã e sem petroleiros navegando nessa zona de guerra, o preço do barril chegou a US$ 90. A perspectiva de desaquecimento econômico

EM GAZA
Campo de refugiados de Jeballya é atingido no dia 13. Tragédia humanitária com a resposta militar de Israel ao ataque do grupo Hamas em 7 de outubro tem levantado críticas da comunicade internacional e isolado o país

TENSÃO
O porta-voz das Forças de Defesa de Israel, Daniel Hagari (à esq.), mostra um míssel lançado pelo Irã que caiu na base militar de Julis. O líder supremo do Irã, aiatolá Khamenei (ao lado), havia anunciado que seu país retaliaria Israel pelo ataque à sua embaixada na Síria

e de alta inflacionária afasta investidores, que saem de economias com maior risco, como o Brasil, para aplicar em títulos americanos", exemplifica o economista.

Uma deterioração da situação no Oriente Médio agrava o cenário. O Irã torna-se preocupação para o mundo todo, porque ouve Vladimir Putin e também a China, o que pode arrastar a disputa com Israel para uma proporção global, diz Azzoni. "A situação do Biden é muito desconfortável, diante de um conflito que era para ter sido sanado por inteligência militar, sem se chegar a um grau de confronto tão grande. Agora é difícil de frear, porque deixou de ser uma disputa regional para ser mundial."

ORIGEM
Embaixada do Irã em Damasco (Síria) é atingida por um bombardeio no dia 1º, matando um comandante sênior da Guarda Revolucionária. O Irã acusou Israel e diz que o ataque no dia 14 foi em represália a essa ação

ERA DE INSTABILIDADE

Nem tudo está perdido, opinam alguns analistas. Consentino destaca que pela primeira vez se veem vizinhos árabes apoiando Israel contra o Irã, com uma postura inusitada na região que pode mudar o tabuleiro do jogo no Oriente Médio. "Não que eles mudem completamente a rota, mas o evento talvez sirva de correção no futuro." Por outro lado, o risco de contágio é grande. Além de Israel, Europa, EUA e Irã, a instabilidade atinge países como Arábia Saudita, Qatar, Emirados Árabes Unidos e o Iêmen. Também há riscos no Estreito de Ormuz e no Mar Vermelho. "E tem ainda o Arzeibaijão, que tenta fazer uma limpeza étnica expulsando a população armênia para ampliar fronteiras. Era zona de influência russa, mas agora aproxima-se de Israel, para onde pode enviar petróleo e gás. E também comprar armas, fazendo parte da intimidação ao Irã, seu vizinho ao sul", acrescenta Feijó. A nova era de instabilidade internacional é agravada pelos ataques a países vizinhos (caso da Rússia, de Israel e agora Irã), o que marca uma virada de mesa nas relações diplomáticas, segundo o especialista. Depois da Segunda Guerra Mundial, instituiu-se a ONU e o Conselho de Segurança justamente para estabelecer obrigações entre países, por meio de tratados. "Mas o que se vê hoje é a impunidade por atos que não deveriam ser tolerados." ■

FOTOS: GIL COHEN-MAGEN/AFP; HOSSEIN FATEMI/AFP; MAHMOUD ISSA/AP; MAHER AL MOUNES/AFP

EXPLOSÃO DE CURSOS Estudantes de medicina triplicaram na última década

Mais e Mais médicos

Brasil assiste a crescimento exponencial no número de profissionais da saúde e supera índices de países como EUA e Japão; distribuição irregular e proliferação de cursos preocupam especialistas

Luiz Cesar Pimentel

A população médica brasileira quadruplicou nos últimos 30 anos e se aproxima da quantidade recomendada pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Ao mesmo tempo, o aumento reflete o fosso social e geográfico brasileiro, já que mais da metade dos profissionais atuam nas 27 capitais, enquanto os 5.543 municípios restantes dividem os médicos que sobram. O índice, em geral, é positivo, já que o Brasil tem o maior sistema público de saúde do mundo, o SUS (Sistema Único de Saúde), do qual dependem cerca de 190 milhões de habitantes.

Os dados constam do mais recente estudo Demografia Médica CFM (Conselho Federal de Medicina) 2024. Foram cruzadas informações das inscrições nos 27 Conselhos Regionais de Medicina (CRMs) com recentes dados do Censo. Os números apontam que o País chegou ao final de 2023 com 575.930 médicos, o que corresponde à densidade de 2,81 profissionais a cada mil habitantes (recomendação da OMS é de 3,5). A divisão entre homens e mulheres ficou na régua – 49,91% delas e 50,09% deles.

O registro faz com que o País supere nações que são referência em cobertura médica populacional, como EUA (2,6 a cada mil habitantes), Japão (2,5) e Coréia do Sul (2,5). Se a curva de formação seguir ascendente, em

FOTOS: GABRIEL DE PAIVA/AGÊNCIA O GLOBO; DIVULGAÇÃO

Até 1997, o Brasil tinha 85 faculdades médicas. Atualmente, é o segundo país com mais cursos no mundo, atrás apenas da Índia, com 386 instituições de ensino de saúde

pouco tempo o Brasil integrará o grupo de países com maior densidade de profissionais, onde estão Alemanha, Suécia, Portugal e Grécia, com média de 4 a cada mil. Além disso, em 2035 teremos mais de um milhão de médicos.

Não há segredo sobre o aumento explosivo de profissionais. Até 1997, o Brasil contava com 85 escolas médicas. Atualmente, é o segundo país com mais faculdades no mundo — são 386, sendo 121 públicas e 265 privadas — atrás apenas da Índia. Isso trouxe a preocupação sobre criação indiscriminada de cursos sem que atendam critérios técnicos mínimos. "Em 2014, o País disponibilizava 14 mil vagas ingressantes. Em 2024, já são cerca de 40 mil vagas. É preocupante porque não basta formar médicos; é preciso formar com boa qualidade", diz Hideraldo Cabeça, 1º Secretário do CFM e supervisor da Demografia Médica 2024. A obstetra Larissa Camargo viveu a transição na prática e compartilha a opinião: "Vieram as faculdades não ligadas a hospitais. A abertura desenfreada de cursos sem que os alunos tivessem campo de estudo adequado (centros médicos ligados) fez com que a qualidade de formação fosse um pouco perdida".

PREPARO A obstetra Larissa Cassiano se preocupa com a qualidade de ensino dos formandos

DENSIDADE MÉDICA

Os números de crescimento são bons até a segunda página, quando é observado o recorte por região brasileira. Duas das grandes regiões estão significativamente abaixo da média nacional: o Norte, com 1,65 médico a cada mil habitantes, e o Nordeste, com 2,09. O Sudeste possui a maior densidade médica (3,62), seguido pelo Centro-Oeste (3,28) e pelo Sul (3,12). São 19 os Estados com taxa de profissionais por habitantes abaixo da média nacional. A maior densidade cabe ao Distrito Federal, que supera a marca de seis médicos por mil, seguido por Rio de Janeiro (4,19) e São Paulo (3,57). Minas Gerais (3,30) e Espírito Santo (3) passaram à frente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A Paraíba é o Estado nordestino que lidera, com 2,89, e o Maranhão ocupa o último lugar, com 1,17.

O recorte que mais chama a atenção, porém, é da distância entre as capitais e as cidades do interior. Nos centros populacionais principais de cada Estado a densidade médica é de 7,03 - 55% dos médicos atendem 22,89% da população. Já fora das 27 cidades principais, o número cai para 1,89 nos 5.543 municípios onde reside 77,11% da população. Vitória, que tradicionalmente possui o maior contingente, tem índice de 18,14. Completam o Top 5 Porto Alegre, Florianópolis, Belo Horizonte e Recife, todas com mais de oito profissionais por 1.000 habitantes. Na outra ponta da tabela, estão Macapá (2,21) na lanterna, Boa Vista (2,68) e Manaus (2,77).

O problema é antigo e a primeira iniciativa para ajuste de rota veio com o programa *Mais Médicos*, instituído em 2013 pela então presidente Dilma Rousseff. O objetivo era levar profissionais às regiões de escassez, mas em 2017 o

MAPA DA PROFISSÃO

O Brasil tem:

575.930
MÉDICOS

Desses"

263.606
SÃO GENERALISTAS

312.324
SÃO ESPECIALISTAS

44,7 ANOS
é a média de idade dos profissionais

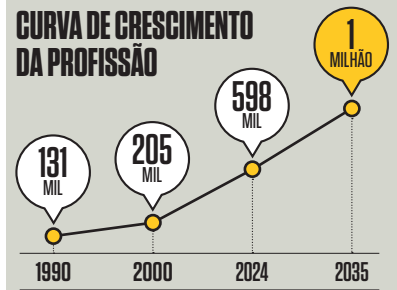
186 MIL
tem até 34 anos

186 MIL
estão acima dos 50 anos

55%
atendem nas 27 capitais

45%
atendem nos 5543 municípios restantes

49,91%
são mulheres

50,09%
são homens

Fonte: CFM (Conselho Federal de Medicina). Janeiro de 2024

plano foi descaracterizado, houve a polêmica com os profissionais cubanos e o mecanismo regulatório só voltou no ano passado. "Até 2023, haviam 13 mil profissionais (no novo *Mais Médicos*). Ao retomarmos, fechamos o ano com 25 mil", diz o Secretário de Atenção Primária do Ministério da Saúde, Felipe Proenço."Sem contar que 60% dos que atendem os municípios mais vulneráveis são do programa, e estamos trabalhando na expansão."

Se pegarmos os menores municípios brasileiros, com população inferior a 20 mil habitantes, teremos 3.861 (70%) que somam 32 milhões de pessoas. Nesse conjunto, atendem apenas 16,7 mil médicos, ou 2,8% do total de profissionais do país. Na conta inversa, nas 41 cidades que possuem população superior a meio milhão, estão concentrados 61,5% dos médicos. Ampliando o esquadro para as 319 cidades que possuem mais de 100 mil moradores, teremos 85,5% dos profissionais do País. "Em muitos lugares do interior a média não chega a um médico por mil habitantes, então a gente tem carência assustadora", diz Paulo Chanan, presidente da Abrafi (Associação Brasileira das Mantenedoras das Faculdades).

"Retomada do Mais Médicos fez com que o programa pulasse de 13 mil para 25 mil profissionais"

Felipe Proenço, Secretário do Ministério da Saúde

DISTRIBUIÇÃO

Uma das soluções seria a melhor distribuição dos centros de ensino. São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, por exemplo, somam 44% dos estudantes brasileiros, enquanto Amazonas, Amapá, Pará e Maranhão têm o menor número. As capitais registram superconcentração, em indicativo da saturação de cursos nos grandes centros. Vitória (ES), por exemplo, que é a capital com mais médicos por habitantes no País (18,14), é também a que possui mais estudantes – 6,85 por 1.000. Esses dados são do Censo da Educação Superior de 2021 disponibilizado pelo INEP, que registrou 224.148 alunos matriculados do primeiro ao sexto ano de medicina. "No interior há uma carência grande de especialistas, pois falta estímulo, já que dificilmente haverá plano de carreira, possibilidade de ascensão profissional e espaço para crescimento", opina Larissa Cassiano. O secretário do CFM acrescenta que os formados preferirão atuar no segmento privado e nos planos de saúde, pela melhor oferta de salários e condições de trabalho do que na rede pública. "Os que permanecem no Norte e Nordeste e nos municípios mais pobres do interior se ressentem da falta de investimentos em saúde e da ausência de perspectivas."

Diante dos números de formação médica dos últimos anos, a projeção é que o Brasil superará o milhão de médicos em 2035. Há dois cenários com maior possibilidade de acontecerem. No primeiro, o País conservará o atual número de centros de formação e de vagas dos últimos cinco anos. Diante desse quadro, o Brasil teria daqui a 11 anos o total de 1.04 milhão de profissionais, ou o correspondente a 4,81 médicos a cada mil brasileiros. Outra possibilidade é que o MEC dê aval às 335 ações judiciais que pediam abertura de novos cursos e às 35 propostas de aumento de vagas nas instituições em operação. Sob essa perspectiva, o País chegará a 2035 com 1,36 milhão de profissionais da saúde e proporção de 6,30 médicos por mil brasileiros. "Deveriam autorizar cursos de medicina em locais que têm hospitais, residência médica, professores e salários compatíveis, e exigir das instituições que façam a contrapartida do SUS no interior, para que comece a desenvolver condições em outros lugares e popule regiões necessitadas", diz o presidente da Abrafi. ■

FOTO: NUCOM/SAPS/MINISTÉRIO DA SAÚDE/DIVULGAÇÃO

Livros no CARDÁPIO

Crescem os espaços multiuso com bares e cafés em meio a ofertas literárias. Em plena era digital, as propostas estimulam a interação entre as pessoas e a desaceleração na correria do dia a dia

Ana Mosquera

Comida, diversão e arte: é inevitável não pensar na canção dos Titãs ao se deparar com o número cada vez maior de espaços que reúnem esses três pilares. Locais que oferecem usos variados podem ser restaurantes que incorporaram casas de shows, cafeterias dentro de escritórios ou bares inseridos em salas de cinema. No caso dos livros, não faltam exemplos de estabelecimentos que unem a literatura à comida e bebida. Em São Paulo há o Yerba PPD, a Ria Livraria, o Lardo – Bar e Sebo e o novíssimo Armazém do Campo, entre outros. Pelo Brasil, destacam-se a Livraria Jaqueira, em Recife, o Caramurê, com duas unidades em Salvador, e o Café com Letras, no bairro Savassi, em Belo Horizonte.

"É preciso ser um lugar que as pessoas sintam vontade de frequentar, que reúna hospitalidade e cultura. Nosso cardápio foi pensado para ser compartilhado. A escolha dos ingredientes tem o mesmo cuidado e carinho que a curadoria dos livros", afirma Priscila Passos, sócia do Barouche, em São Paulo. Depois do bar e café dentro do cinema Cinesala, a ideia de reunir comida e cultura segue no novo projeto. Apesar do desafio de harmonizar as duas áreas, o sócio Paulo Velasco acredita que o sucesso de iniciativas do tipo vai de encontro à "era da informação". "Gastamos tanto tempo no digital que ser analógico é um luxo", afirma. Eles ainda contam com um clube de leitura, mediado pelo livreiro Fernando Neres, que reúne cerca de vinte pessoas por edição. O menu é do chef Rodrigo Felicio e a carta de coqueteis clássicos e autorais, de Danilo Nakamura.

No bairro do Bixiga, também na capital paulista, a Livraria Simples expandiu os negócios para um anexo próximo da casa original. A nova Simples Ideas y Tragos foi inaugurada com o objetivo de abarcar os livros usados, receber eventos literários e fortalecer a intera-

INTEGRAÇÃO Simples Ideas y Tragos, em São Paulo: gastronomia, livros e eventos

LUXO ANALÓGICO Barouche, na capital paulista: depois do bar no cinema, novo espaço traz café e livraria com curadoria caprichada

ção entre as pessoas. Nas mesas cercadas por obras nunca faltam empanadas, pão de melado, café, vinho, cerveja e cachaça. A combinação de livros com gastronomia e iniciativas sociais é fundamental para fomentar um espaço "diverso, plural e inclusivo". "São substâncias básicas para uma vida mais plena de sentido", diz o sócio Adalberto Ribeiro. "O desafio é justamente gerar demanda por bens tão preciosos e transformadores, levando em conta que estamos fora do eixo do consumo de livros e literatura na cidade."

REUNIÕES E OFICINAS

Também fora da rota paulistana está o Sebo Pura Poesia, no Ipiranga. Além da venda de livros, o local conta com um café e bar (com opções que vão do começo do dia ao happy hour), espaço para reuniões e oficinas (recebendo inclusive clubes de leitura), e área externa em que se apresentam grupos musicais, como o Choro da Garoa. "Se queremos que as pessoas venham ler e comprar os livros, e que ocupem a casa como se fosse a sala delas, temos que trazer elementos para que elas queiram permanecer no espaço", diz a sócia-proprietária Gisele Paiva. ■

FOTOS: PRISCILA PASSOS; SILVIA ZAMBONI; @REESEWITHERSPOON

A VOLTA DOS CLUBES LITERÁRIOS

Não há amante da literatura que não se lembre do filme A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata, *onde um eclético grupo de amigos se reúne em uma ilha britânica durante a ocupação nazista. Para quem gosta de compartilhar impressões sobre suas leituras, os clubes do livro estão de volta — sobretudo pelas mãos de celebridades, como a apresentadora Oprah Winfrey, referência nessa área. Outros famosos inauguraram iniciativas semelhantes com bastante sucesso. Entre eles estão o Teatime, da atriz Dakota Johnson, o Service 95, da cantora Dua Lipa, o Belletrist, de Emma Roberts, o Our Shared Shelf, de Emma Watson, e o Book Club, de Reese Witherspoon. No Brasil, a atriz Sophia Abrahão possui o Entrelivros; a apresentadora Roberta Martinelli está à frente do Clube do Livro da Rádio Eldorado e a Japan House São Paulo possui um grupo focado em escritores japoneses, em parceria com a revista Quatro Cinco Um.*

BOOK CLUB A atriz Reese Witherspoon: iniciativa virou moda entre as celebridades

Sagrada família será (finalmente) concluída

Basílica espanhola, que recebe 5 milhões de visitantes por ano, tem data de finalização da obra, que já dura 142 anos; construção é a obra-prima de Gaudí, que está enterrado sob ela

Luiz Cesar Pimentel

Quase um século e meio desde o início da construção e sob a fama de eternamente inacabada, a Sagrada Família, em Barcelona, ganhou data de conclusão. "O templo que nunca será concluído, que está em constante transformação", conforme descreveu o poeta catalão Joan Maragall, ficará pronto em 2026, um século após a morte do arquiteto Antonio Gaudi, que está enterrado sob sua obra-prima.

A área onde está localizada a basílica sequer existia quando começou a ser construída. Partiu de ideia de Josep María Bocabella, fundador da Associação Espiritual de Devotos de São José. Católico, ele decidiu pela obra após realizar peregrinação a Roma, em 1872. Demorou uma década para que encontrasse o terreno ideal na cidade, em região que era agrícola. A primeira pedra foi colocada em março de 1882, e a igreja viu a cidade crescer ao seu redor nestes 142 anos.

A Sagrada Família foi um projeto ambicioso assumido por Gaudi um ano após

TUDO MATO Barcelona cresceu ao redor da famosa igreja, instalada em área agrícola em 1882

OBRA-PRIMA Gaudí assumiu seu projeto mais importante após um ano do início

início da obra, onde ele decidiu fundir elementos do Modernismo, Art Nouveau e Neogótico. O arquiteto desenhou a estrutura com 18 torres, cada uma simbolizando uma figura bíblica – Jesus Cristo, a Virgem Maria, os quatro evangelistas (Lucas, Mateus, Marcos e João) e os 12 apóstolos. As bases finais estão em fase de conclusão, incluindo a torre central de 172,5 metros de altura, que a tornará a igreja mais alta do mundo, 10 metros acima da Catedral de Ulm, na Alemanha. "É uma identidade para Barcelona", diz a arquiteta Luciana Nogueira, que fez mestrado na cidade.

GUERRAS E ATAQUES

A basílica assistiu conflitos globais e pandemias, mas o evento que mais a abalou foi a Guerra Civil Espanhola. Em 1936, anarquistas a invadiram, incendiaram a cripta e destruiram o ateliê de Gaudi, onde estavam os modelos de gesso para servirem de guia no restante da obra, já que o líder do projeto faleceu em 1926. Começou trabalho de resgate dos fragmentos dos originais pelo arquiteto Lluis Bonet i Gari, que mais recentemente foi assumido pelo neozelandês Mark Burry.

Nem tudo foi recuperado, e foi incluído no objetivo de conclusão uma escada de acesso que se estende por dois quarteirões da cidade e que obrigará o deslocamento de mais de mil famílias e diversas empresas alocadas ao lado da igreja. Se realmente confirmada a construção do acesso, a obra se arrastará até 2034, pelo menos.

"Seguimos à risca o plano de Gaudí. Somos os seus herdeiros e não podemos renunciar ao projeto original, que inclui a escadaria", disse o presidente da organização encarregada de concluir a obra, Esteve Camps. Já o Presidente da Câmara Municipal de Barcelona, Jaume Collboni, disse ter dúvidas. "Estamos trabalhando com os representantes da igreja, com os residentes e com outras organizações para encontrar a melhor solução. Barcelona quer garantir o direito à habitação e minimizar o número de pessoas afetadas." O advogado e representante de um grupo de protesto local, a Associação dos Afetados pela Sagrada Família, Salvador Barroso, disse estar tomando providências: "A Câmara decidirá".

Com ou sem escada, o certo é que cairá o mito de que a igreja é uma obra projetada para nunca ser concluída. Isso vem do propósito inicial de que deveria ser financiada exclusivamente por doações de pecadores arrependidos, o que tornava muito duvidosa a possibilidade de um dia chegar à meta necessária. Mas com o turismo em massa, a arrecadação da basílica dá e sobra para a realização plena do projeto – ela recebe cerca de 5 milhões de turistas por ano, que renderam 127 milhões de euros no ano passado. Com esse caixa, bastou pouco mais de metade (52%) destinados à construção e 26% à gestão para programar a data de entrega.

Querida por tantos, que a transformam no 11º monumento mais visitado do mundo, a basílica não apaixonou a todos. O pintor espanhol Salvador Dali defendia que a obra deveria permanecer eternamente inconclusa:"Seria uma traição terminar a Sagrada Família sem o gênio. Deixe-a permanecer lá, como um enorme dente podre". Já George Orwell, autor do livro *1984*, disse considerá-la "um dos edifícios mais hediondos do mundo" e lamentou que "os anarquistas demonstraram falta de gosto por não a terem explodido quando puderam".

"Além do centenário da morte de Gaudí, será o ano que a cidade sediará a UIA (União Internacional de Arquitetos). Mas perderá o encanto de ser a obra inacabada mais importante do mundo", diz Luciana Nogueira. O que é realmente estranho na história é que a construção foi ilegal durante 137 anos, até 2019, quando foi finalmente emitida uma licença de construção pela Câmara Municipal de Barcelona. ■

A BASÍLICA CATALÃ EM NÚMEROS

18 torres, cada uma representa figura bíblica

9 MIL pessoas é a capacidade de recepção da igreja em seus 4.500m²

144 anos, será o tempo da obra caso finalize em 2026

MIX DE ESTILOS Interior da basílica mostra a mistura de Modernismo, Art Nouveau e Neogótico

FOTOS: RIEGER BERTRAND/HEMIS.FR/AFP; REPRODUÇÃO

A verdadeira ilha da fantasia

As 41 propriedades de Indian Creek, em Miami, se tornaram endereço de algumas das mais bem-sucedidas celebridades mundiais; privacidade e segurança totais atraem bilionários

Luiz Cesar Pimentel

Se pegar os cinco proprietários das casas mais caras da ilha Indian Creek, a 20 minutos de carro de Miami Beach, na Flórida, suas fortunas somam o equivalente ao PIB de um país como a Hungria: cerca de US$ 190 bilhões. No total, a porção de terra cercada pelas águas da Baía de Biscayne está dividida em 41 propriedades, um campo de golfe e um clube. Todas pertencentes a algumas das pessoas mais ricas do planeta.

A privacidade e segurança são o que diferenciam a ilha dos endereços mais cobiçados dos EUA, além do clima mais ameno do que no norte do país. A área é patrulhada por polícias terrestre e marítima 24 horas por dia e para alcançá-la somente por meio de uma ponte com seguranças armados. Pela água, jet skis e lanchas impedem qualquer aproximação.

Pouco antes da separação, o casal Gisele Bundchen e Tom Brady adquiriu uma casa lá por US$ 17 milhões. Os planos eram demolir a construção para erguerem uma residência totalmente ecológica. Eles se divorciaram mas Brady permanece vizinho do DJ David Guetta e de Ivanka Trump, filha do presidenciável Donald, que adquiriu imóvel por US$ 24 milhões.

Os valores de anos atrás nem são tão altos se comparados aos US$ 147 milhões que o dono da Amazon, Jeff Bezos, gastou para comprar duas mansões com plano de demoli-las e erguer residências personalizadas nos lugares. Uma delas foi adquirida de um executivo brasileiro, que não teve o nome revelado e cuja empresa de aparelhos eletrônicos fez fortuna no início dos anos 1990.

1. JULIO IGLESIAS Cantor espanhol faz parte dos moradores antigos

O processo de encarecimento de lotes na ilha de Indian Creek criou gentrificação particular por lá, com a chegada de moradores tão abastados que não ligam de pagar cerca de US$ 100 milhões por um lote com esse código postal exclusivo. O próprio Jeff Bezos está atrás da aquisição de terceira mansão na área construída há quase um século para abrigar a elite da época.

Uma corretora imobiliária que atua na ilha disse que a supervalorização é recente, pois em 2017 ela possuía meia dúzia de propriedades que não superavam os US$ 20 milhões para aquisição. Ricos e famosos tornaram a área o epicentro da migração de riqueza para o Sul da Flórida.

Enquanto os proprietários mais antigos tinham o perfil de identificação latina, tanto com a localização quanto com o clima, as novas caras locais estão mais para o mundo de máquinas de imprimir dinheiro das *big techs*.

As aquisições do colombiano Jaime Gilinski são emblemáticas da subida de preços. Há 30 anos, ele adquiriu seu primeiro lote por US$ 6 milhões. Recentemente, comprou o quinto por

EXCLUSIVIDADE Todas as casas possuem saída para o mar e são protegidas por lanchas e jet-skis 24 horas por dia

FOTOS: DIVULGAÇÃO; RONALDO SCHEMIDT/AFP; JON KOPALOFF/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP; FRAZER HARRISON/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP; CAMERON SPENCER/GETTY IMAGES ASIAPAC/GETTY IMAGES/AFP; MANDEL NGAN/AFP; CHRISTOPHER POLK/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP

2. JEFF BEZOS
Dono da Amazon está atrás de terceira mansão

3. ADRIANA LIMA
Modelo brasileira é dona de uma das casas palacianas

4. ELLE MCPHERSON
Modelo australiana mais bem-sucedida nos anos 1990 mora lá

5. IVANKA TRUMP
Filha do candidato escolheu a ilha como refúgio

6. BEYONCÉ E JAY-Z
Casal mais famoso da música vendeu casa que possuía

US$ 40 milhões, e, no total, despendeu US$ 80 milhões pelas propriedades que transformará em complexo da família.

LISTA VIP

Outro proprietário de algumas das casas palacianas na ilha é o cantor Julio Iglesias. Ele tem como vizinhos o ex-técnico de futebol americano do Miami Dolphins Don Shula, o colecionador de arte e magnata de concessionárias de automóveis Norman Braman, o investidor Carl Icahn, a modelo brasileira da Victoria's Secret Adriana Lima e o proprietário do Fontainebleau Hotel Jeffrey Soffer. Durante algum tempo, moraram por lá a cantora Cher, o cantor Ricky Martin e o casal mais famoso da música, Beyoncé e Jay Z. Os últimos venderam a casa que possuiam por US$ 9 milhões para um investidor holandês.

Quem entra na ilha como convidado não pode tirar fotos nem sair do carro e só circula pela única estrada que existe lá, a Indian Creek Island Road. O local é hoje um município próprio, com prefeito eleito pelos moradores – atualmente o cargo é do fundador da varejista 3Sixty Duty-Free, Benny Klepach. A prefeitura é vizinha de uma delegacia, que ficam na chegada ao local, após a ponte que conecta Indian Creek ao bairro de Surfside. A ilha foi criada nos primeiros anos do século XX por conta da escavação de drenagem para a Baía de Biscayne e era uma floresta de mangue desabitada até 1928, quando um grupo de empresários transformou-a em empreendimento imobiliário.

O logotipo do município retrata desenho dos portões de ferro que impedem a entrada de estranhos. Em termos de comparação, não há destino que supere a ilha em exclusividade. Outra ilha que recebe abastados na Flórida, Bay Harbor, possui praticamente o mesmo tamanho mas a população está em cerca de 6.000 habitantes contra os 84 de Creek. ■

INÊS249

Bloody Mary renovado

Com ingredientes exóticos como alga nori, pimenta jalapeño e até molho de ostra, o tradicional drinque feito com suco de tomate ganha novos temperos e receitas inovadoras que trocam a vodca por destilados como cachaça e o mexicano mezcal

Ana Mosquera

VERSÕES O bartender Gabriel Szklo, do Pina, em São Paulo: harmonização de destilados e molhos

TOQUE BRASILEIRO Bloody Macuxí, do bar Nosso: com blend de cachaças, a criação do bartender Daniel Estevan traz ainda caxiri, um licor fermentado de mandioca

Drinques ganham e perdem popularidade à medida em que surgem novas tendências na coquetelaria mundial. Há receitas, no entanto, que acumulam fieis seguidores ao longo de quase um século de história. É o caso do Bloody Mary, cuja origem é disputada pelo bartender francês Fernand Petiot e o ator norte-americano George Jessel. Criado na década de 1920, o coquetel resiste firme até hoje nos bares, restaurantes e hoteis. Os bartenders mais originais, no entanto, têm brindado o público com algumas alterações na fórmula original. Suco de tomate, vodca, molho inglês, sal, limão siciliano e pimentas compõem o primeiro registro da bebida em livro de 1941, mas diferentes versões têm sido apresentadas com o passar dos anos, como o Red Snapper, com gin, ou o Bloody Maria, com tequila. No Brasil, uma nova leva de profissionais acompanha o próspero momento da coquetelaria nacional e cria variações sobre o clássico global. Enquanto em São Paulo o restaurante Komah faz o drinque com kimchi (conserva de hortaliças coreana), o Aizomê usa vodca japonesa, extrato de umami e wasabi (raiz forte). O vegetariano Quincho é adepto de referências orientais, com a inclusão do missô na mistura. No Rio de Janeiro, o Bloody Macuxí do Nosso leva cachaças e caxiri (licor de mandioca fermentada); já o Bloody Mary do Elena traz os molhos ponzu e tonkatsu, ambos de origem nipônica.

No Pina, em São Paulo, há sete tipos de Bloody Mary. O próximo passo é inaugurar uma carta exclusiva para a bebida, que faz parte da vida de Gabriel Szklo desde a infância — na versão sem álcool, o Virgin Mary, obviamente. Acompanhados de uma azeitona siciliana e com aparência similar entre eles, o diferencial está nas combinações. "A questão é a

FOTOS: TALES HIDEQUI/DIVULGAÇÃO; ROGERIO CASSIMIRO

harmonização da bebida destilada com cada um dos molhos", diz o bartender, que é formado em história e tem quase 200 livros sobre alimentação e coquetelaria em sua coleção. São dois os molhos que ele elabora semanalmente: um com dill (endro), salsão e raiz forte; o outro traz coentro, orégano, alho e pimenta jalapeño, além dos ingredientes básicos. Entre os destilados utilizados estão cachaça branca e amburana, gin, tequila, uísque e jerez. Uma das opções que inclui esse vinho fortificado espanhol leva água de tomate (e por isso é translúcido) e elementos asiáticos: nori, gergelim, chá preto e missô. "Há quem ame e quem odeie, mas os que gostam sempre vão atrás de um bom Bloody Mary. O drinque desperta uma paixão única nas pessoas e dá margem para novidades." Ele lembra que nos EUA as variações do drinque de tomate já são consumidas há muitos anos: há o clamato, que leva mariscos, e o bullshot, com caldo de carne, ainda pouco encontrado no Brasil. "Ainda temos uns degraus a escalar."

POTÊNCIA
O chef Ricardo Lapeyre, do Le Bulô, na capital paulista: molho de ostra ressalta o umami presente no tomate

NA ONDA DO MAR

O suco de tomate temperado e com álcool era um dos favoritos do autor Ernest Hemingway, que chegou a registrar sua receita em uma carta de 1947. "Em jarra grande", escreveu ele, e é em copo longo que o drinque segue sendo servido em estabelecimentos como o Le Bulô, na capital paulista. Criação do chef Ricardo Lapeyre, em parceria com a bartender Jessica Sanchez, o Petit Conseil leva vodca (ou mezcal, destilado da mesma planta da tequila), suco de tomate artesanal e mix de temperos marinhos, como alga nori e molho de ostra, além de óleo de gergelim torrado. Com guarnição de crocante da mesma alga com papel de arroz, tartar de atum e chantilly de wasabi, o Bloody Mary que traz as cores e o nome inspirado no Flamengo, time do carioca de raízes francesas, faz sucesso, sobretudo, aos domingos. "É o dia que mais vende o drinque, porque está associado ao brunch. É quase uma entrada, serve para começar o almoço." O próprio George Jessel escreveu em sua autobiografia que o coquetel foi criado no início do dia, para curar a ressaca. Lapeyre confirma que as novidades nas receitas do Bloody Mary têm relação com a evolução do universo da gastronomia e as bebidas. "Os bons restaurantes de hoje têm um nível de coquetelaria que, há quinze anos, os melhores bares não tinham. A evolução vem com relação a tudo, do serviço ao copo utilizado. Assim como surgiram atualizações do Negroni e Boulevardier, precisamos fazer o mesmo com o Bloody Mary." ■

ESPLENDOR As Termas de Caracalla representaram o auge da vida social da elite do Império Romano

Águas voltam às catacumbas de Roma

Remodeladas e revitalizadas, as históricas Termas de Caracalla, que marcaram o Império Romano, integram o projeto desenvolvido na Itália que visa a resgatar os espaços arquitetônicos da Antiguidade *Marcelo Moreira*

Uma das construções mais impressionantes e "modernas" da Antiguidade foi revitalizada e recebeu água depois de 1,5 mil anos de seca. As Termas de Caracalla, beleza da Roma Antiga, na Itália, foram remodeladas e voltaram a funcionar no começo desse mês após ampla reforma. Local de luxo à época do Império Romano, era o espaço de banhos bem quentes para os nobres, aquecido por escravos que queimavam toneladas de madeira em 50 fornos de tijolos que mantinham a água quente 24 horas por dia.

A reinauguração, depois da remodelação arquitetônica, contou com jatos de água que tentaram resgatar as fontes que existiam no local, assim como as periódicas nuvens de vapor. De acordo com as autoridades romanas responsáveis pela preservação do patrimônio histórico, a ideia é reconstituir aos visitantes do sítio arqueológico o padrão de vida e a experiência que as pessoas tinham até o século V em um dos ambientes mais sofisticados do Império. De acordo com historiadores, as termas possuiam importância social fundamental no Império: serviam para lazer, entretenimento e higiene pessoal, mas também eram um ambiente onde se discutiam-se e fechavam-se negócios — e até mesmos os rumos políticos e questões administrativas.

Com projeto assinado por Hannes Peer e Paulo Bornello, as Termas de Caracalla têm um espelho d'água com mil metros quadrados e um projeto voltado para ressaltar as "experiências imersivas dos visitantes", segundo o texto divulgado pela Superintendência Especial de Roma, que investiu 500 mil euros. O pequeno lago abriga um palco de espetáculos que já recebeu números de dança recentemente. Os dois arquitetos exaltam o conceito de "reconexão entre presente e passado, valorizando o aspecto humano dentro do contexto histórico".

O projeto faz parte de um programa mais amplo de revitalização de importantes áreas turísticas da Roma Antiga, que obedecerão a um cronograma gradual de abertura à visitação pública. No complexo das termas, o projeto inclui também a reabertura da antiga entrada da Via di Caracalla, que os antigos romanos utilizavam há 2 mil anos. ■

FOTO: TIZIANA FABI/AFP

(Por TV Notícias | Joelma Caparroz • Fotos: Ernandes Pereira)

Joelma Caparroz: Pioneirismo e Dedicação no Instituto da Vida

A história de Joelma Caparroz é uma jornada marcada por determinação e paixão pela psicologia. Co-Fundadora do Instituto da Vida, sua trajetória começou superando obstáculos financeiros, trabalhando como auxiliar de enfermagem para bancar seus estudos em Psicologia na UNORTE, em São José do Rio Preto.

A excelência de Joelma é evidente em sua ampla atuação, que vai desde a prática clínica até a pesquisa e o ensino. Especializada em áreas como acupuntura e neuropsicologia, ela busca constantemente aprimorar seus conhecimentos para proporcionar o melhor atendimento possível aos seus pacientes.

O Instituto da Vida, sob a liderança visionária de Joelma, destaca-se por seu compromisso inabalável com o cuidado das crianças autistas. A Sala Multivida 6D, fruto de uma parceria com a Neurobrinq, é o ponto alto desse compromisso. Utilizando tecnologias de ponta, como inteligência artificial e neurofeedback, a sala oferece uma experiência terapêutica única. É um espaço criativo onde as crianças experimentam aromas suaves, interagem com nuvens que exalam gotinhas de conforto, exploram um piano inteligente que responde ao toque dos amiguinhos, auxiliando na socialização, e mergulham em uma piscina de bolinhas que "respira" em sintonia com suas emoções. Esses recursos, entre outros, são cuidadosamente planejados para oferecer uma experiência terapêutica única, focada não apenas na redução dos sintomas do autismo, mas também no desenvolvimento global e na melhoria da qualidade de vida dessas crianças.

Além do cuidado especializado em autismo, o Instituto da Vida oferece uma gama completa de serviços para todas as idades, incluindo atendimento online para pacientes de todo o Brasil. A equipe altamente capacitada reflete a visão de excelência e a dedicação de Joelma em proporcionar o melhor suporte possível aos seus pacientes.

Entre os projetos futuros do Instituto está a unificação das suas duas unidades, um passo estratégico para elevar ainda mais a qualidade e a eficiência dos serviços oferecidos. Com sua energia vibrante e compromisso inabalável, Joelma Caparroz continua a ser uma fonte de inspiração não só para colegas de profissão, mas para todos que buscam um cuidado de saúde mental de excelência.

Joelma Caparroz personifica o pioneirismo e a dedicação no cuidado com a saúde mental e no apoio às crianças autistas, tornando-se uma referência incontestável no campo da psicologia e do bem-estar. ■

Saiba Mais:
Site: https://www.institutodavida.com.br
Terapia Online:
http://www.psicovidaonline.com.br

BOLINHAS NOS PÉS
Temático: calçado usado por Zendaya na divulgação de *Challengers* em Roma é do diretor criativo J. W. Anderson

Das quadras para as ruas

Estética inspirada no tênis está de volta, impulsionada pelo lançamento do filme *Challengers*, a profusão dos elementos-chave fora das quadras, nas redes sociais e até por parcerias de grifes renomadas com clubes esportivos

Ana Mosquera

Saia plissada, camisa polo, suéter de lã. O tênis (o esporte) sempre ditou moda e basta recorrer à história de marcas como Hermès, Ralph Lauren e Lacoste para saber que a conexão do esporte com a área nunca deixou de estar presente — ainda que as peças sejam adaptadas de acordo com as necessidades estéticas de cada época. De tempos em tempos, contudo, a tendência volta com mais força às calçadas, vitrines e passarelas. No momento, um dos responsáveis é o lançamento do filme *Challengers* (*Rivais*), estrelado por Zendaya (*Euphoria* e *Duna*) e dirigido por Luca Guadagnino. O tenniscore (ou tênis core) ainda acompanha o recente quiet luxury e o retorno do old money e o preppy style, apesar de caminhar para ser mais democrático. O movimento se expande, ainda, graças às trends das redes sociais: só no TikTok são 22,6 milhões de visualizações ligadas à Tennis Core Aesthetic. "Fala-se sobre como criar um estilo que remeta ao do tenista, mas fora das quadras. Tudo isso sem necessariamente ter alguma relação com a prática do esporte", diz Maya Matiazzo, professora do Hub de Moda e Luxo da ESPM.

A chegada do estilo a mais pessoas tem raízes profundas, fixadas na história das grifes que nasceram dentro das quadras. O primeiro modelo de camisa polo — hoje difundido entre todas as classes sociais, mesmo quando de empresas alternativas — surgiu com o campeão mundial René Lacoste para facilitar o desempenho dos atletas em quadra. Aos 90 anos de idade, a "marca do crocodilo" acompanha as demandas por novas cores,

FOTOS: DIVULGAÇÃO

ÍCONE Histórico: vestuário da primeira atleta negra a ganhar Roland Garros, Althea Gibson (acima), inspirou um dos figurinos da protagonista do filme de Luca Guadagnino (à dir.)

TENNISCORE
Influência de impacto: entre as marcas que recentemente aderiram à tendência estão Céline, Ganni, Sporty & Rich, Louis Vuitton e Miu Miu (foto)

PONTO DE VIRADA Agênero: coleção de Pelagia Kolotouros para a grife criada por René Lacoste há 90 anos traz toque francês às referências originais, baseadas no esporte

cortes e uma moda agênero, sem deixar de lado a sobriedade, o desempenho e o conforto originais. É assim que cardigãs com gola V, roupas com listras e calças do tipo jogging ganham sofisticação francesa na última coleção da Lacoste, desenhada por Pelagia Kolotouros (ex-The North Face). É o "luxo despretensioso", ou *effortless chic* (chique sem esforço), segundo eles. Outra peça que há tempos está presente nas ruas é o Stan Smith, da Adidas, tênis (o calçado) criado em 1973 em homenagem ao ex-profissional de mesmo nome — do modelo clássico às unidades em colaboração com novos designers.

APOSTA NOS ÍCONES

Não é de hoje que a estética do tênis chega à massa por influência de grandes nomes, sejam eles personagens do cinema ou da realeza, como a princesa Diana. "Ter a Zendaya como protagonista é um fator de peso nessa estratégia, já que hoje ela é um ícone fashion, além de ser uma celebridade de altíssimo alcance e bem quista", diz Maya. Nos eventos de lançamento do filme que fala do esporte de luxo — e que tem figurino assinado pelo diretor criativo J. W. Anderson, da Loewe —, a atriz usou uma série de looks inspirados no vestuário utilizado em campo. Alguns deles têm a assinatura do estilista Law Rouch e, nos pés, até os saltos de um dos pares de calçado são arrematados pelas bolinhas icônicas. Apesar da prevalência dos modelos mais clássicos e anatômicos, dentro das quadras também cabe a ousadia. É só recordar a campeã mundial Serena Williams, suas saias de tutus e seus trajes elaborados por estilistas famosos, como Virgil Abloh e Amy Denet Deal. Ela chegou a lançar coleções em parceria com marcas como a Nike e até mesmo a criar sua própria grife ao lado da irmã, a também tenista Venus Williams. ■

INÊS249

Gente

por Ana Mosquera

Big repórter

Após participar do *Big Brother Brasil 2020* (Globo), a apresentadora e influenciadora **Mari Gonzalez** voltou ao universo do programa como repórter do podcast oficial do BBB, o *Mesacast*. Ao lado de nomes como Nanny People e Jojo Todynho, ela passou os últimos meses debatendo os acontecimentos diários e ao vivo da casa. "Cada convidado imprime a sua energia, o que traz muito aprendizado," disse à **ISTOÉ**. A experiência a deixou pronta para novos desafios. "Estar nas ruas é outro exercício interessante e desafiador. O público nos exige um preparo imediato para qualquer situação."

Da cozinha ao estúdio

Agora é oficial: **Jeremy Allen White** *viverá Bruce Springsteen no filme que conta a história da gravação do álbum* Nebraska*, divisor de águas na carreira do músico.* Deliver Me From Nowhere *é baseado no livro homônimo de Warren Zanes e ainda não tem data de lançamento, nem teve o resto do elenco confirmado. Além de dar vida ao cantor e compositor conhecido como "The Boss" (O Chefe), em junho o ator norte-americano volta à cena em* **The Bear** *como o atormentado chef Carmy, protagonista da série do streaming Star+, que já tem quarta temporada confirmada.*

Em dose dupla

No ar em duas produções, **Daphne Bozaski** *está pronta para encarar desafios dentro e fora das telas. "Interpretar alguém que naturalmente fala espanhol, mas está aprendendo português, está sendo desafiador", diz a atriz, que vive a guatemalteca Lupita em* Família é Tudo *(Globo). Já na terceira temporada de* As Five *ela vive as crises da pianista Benê. "Ela se vê com questões com as quais eu, como artista, tantas vezes também já tive que me deparar. Saber qual caminho seguir ou o que representa a arte são questões que compartilhamos. É bonito vivenciar essa fase da personagem."*

Aval de Ney Matogrosso

"Foi minha primeira vez interpretando uma pessoa que de fato existiu. Eu queria honrar a memória do Marco. Receber o aval do Ney Matogrosso foi motivo de muito orgulho", disse **Bruno Montaleone** à **ISTOÉ**. O ator acaba de filmar *Homem com H*, no qual dá vida a Marco de Maria, ex-companheiro do músico homenageado na cinebiografia. "É uma história de um dos maiores artistas da nossa época e também da cultura do País." Com o sucesso em *De Volta aos 15* e *O Lado Bom de Ser Traída*, na Netflix, ele percebeu as portas internacionais que o streaming abre. "Que mais bolhas sejam furadas", espera.

Rainha dos cabelos

Depois de celebridades como Beyoncé e Serena Williams lançarem linhas de beleza, chegou a vez da cantora Rita Ora ter seus próprios produtos de cuidados capilares. Após a bem-sucedida parceria com a empresa de roupas e acessórios Primark, sua intenção com a Typebea é empoderar as pessoas, relacionando a saúde dos cabelos com a carreira. "Quero criar produtos que nos ajudem a priorizar os cabelos no dia a dia", disse em vídeo divulgado em suas redes sociais. Jurada da 11ª edição do *The Masked Singer US*, a também atriz acaba de ser anunciada como a Rainha de Copas do musical *Descendentes 4 — A Ascensão de Copas* (Disney), ainda sem data confirmada de estreia.

Novo astro dos filmes de ação

O ator que teve a carreira marcada por *Quem Quer Ser Um Milionário?* inaugura nova fase em sua carreira. Em *Monkey Man*, **Dev Patel** estreia como diretor, além de também atuar como protagonista. Projeto de dez anos do ator indiano, o longa de ação é sua estreia no gênero. Decidiu romper com os estereótipos anteriores de figurar em comédias ou como coadjuvante. Na produção, ele vive Kid, um justiceiro de uma cidade fictícia na Índia que quer cobrar as contas de um chefe do crime pela violência cometida contra sua mãe.

FOTOS: @MARI GONZALEZ; @JEREMYALLENWHITEFINALLY; ÁNGEL CASTELLANOS; CARLOS SALES; @DEVPATELISPRECIOUS

APOSTA Loja de rua com drive-thru, formato recém-inaugurado, em Campinas – SP, é o modelo que avançará por todo País

A ONDA ANALÓGICA

O fenômeno do aumento de investimentos em lojas digitais agora transformadas em físicas e a expansão das lojas tradicionalmente físicas no Brasil reflete uma tendência global pela busca da conveniência e experiência do cliente, que vem cada vez mais procurando estabelecimentos para compras presenciais ***Mirela Luiz***

O Enjoei, plataforma brasileira de comércio eletrônico, causou uma agitação no mercado nos últimos dias de 2023 ao adquirir 25% da rede de franquias Cresci e Perdi, considerada uma das maiores redes de franquias de produtos infantis de segunda mão no Brasil. "Uma das principais motivações para essa migração para o espaço físico é a necessidade de estar presente onde o cliente está", afirma Vinicius Meneguin, especialista no varejo físico e digital. Segundo o especialista, em um contexto 'Omnichannel' as empresas buscam integrar seus canais de venda para atender às demandas dos consumidores, que muitas vezes desejam adquirir produtos instantaneamente ou preferem experimentá-los antes da compra. "Além disso, a possibilidade de devolver ou trocar um produto em uma loja física também desempenha um papel fundamental na decisão de investir nesse tipo de estabelecimento", completa Meneguin.

A rede de brechós Peça Rara, que tem a atriz Deborah Secco como uma de suas sócias, é um exemplo do que o especialista aponta. Em pouco mais de dois anos de expansão, a rede alcançou 165 lojas em 23 estados e no Distrito Federal, apostando no relacionamento interpessoal como seu principal segredo de sucesso. "Fizemos de nossas lojas um lugar muito convidativo e acolhedor. Investimos no relacionamento com nossos clientes e fornecedores", declara Bruna Vasconi, fundadora e CEO da rede de franquias.

A onda de investimentos não para por aí: a fast fashion chinesa Shein também tem apostado em lojas físicas no Brasil, só que no modelo pop-up. A Taco Bell, rede californiana com cardápio inspirado na culinária mexicana, planeja abrir 30 filiais somente este ano e pretende tornar o Brasil o segundo País com o maior número de lojas fora dos EUA. Além disso, a cada piscar de olhos, uma nova loja da rede mexicana de lojas de conveniência Oxxo surge em cada esquina. As marcas esportivas Topper e Rainha também planejam inaugurar 15 novas lojas físicas até o fim de 2024, nos formatos de unidades de

SUCESSO Loja da rede Peça Rara recém inaugurada no centro de São Paulo

FOTOS: DIVULGAÇÃO; SPENCER PLATT/GETTY IMAGES/AFP

INOVAÇÃO Loja da Shein inaugurada no Shopping Estação em Curitiba tem ingressos esgotados em tempo recorde

ruas, shopping centers e contêineres. A iniciativa faz parte do movimento estratégico da BR Sports - controladora das duas marcas no Brasil - para ganhar capilaridade em algumas capitais. Mais de R$ 3 milhões devem movimentar a economia local, com a geração de mais de 100 empregos diretos.

Outro aspecto crucial para esse boom de lojas físicas é a visibilidade e credibilidade que elas conferem às marcas. "Ao terem uma presença tangível, as empresas geram confiança nos consumidores, que se sentem mais seguros ao saberem que possuem um local físico para receber assistência personalizada. Além disso, as lojas físicas oferecem uma oportunidade única de engajar consumidores que ainda não aderiram totalmente ao ambiente digital, ampliando o alcance da marca", explica Maurício Morgado, coordenador do Centro de Excelência em Varejo da FGV. Além disso, a presença física no varejo possibilita uma divulgação mais ampla da marca e fortalece seu posicionamento no mercado. A Shein, por exemplo, que é uma empresa 100% digital, enxergou no modelo pop-up uma ótima oportunidade de levar aos seus consumidores uma experiência de marca diferenciada. "A presença física, mesmo que temporária, nos permite criar uma conexão ainda mais forte com os consumidores, bem como entender melhor suas necessidades e preferências", declara a empresa em nota.

No total, a rede chinesa abriu no Brasil seis pop-ups. "É um movimento quase que pendular: as lojas físicas funcionam como um complemento para a operação, funcionando também como ferramentas de marketing, que ajudam a divulgar a marca. Mas o forte da operação deles é o online e não vão abrir muitas lojas por esse motivo", avalia Morgado. São estratégias complementares, afirma o especialista da FGV. "Muitas dessas empresas lançam essas lojas mais para funcionar como flagships - loja conceito - também", explica. Já a Taco Bell, sexta marca mais valiosa do mundo no segmento de restaurantes, possui mais de 30 unidades no Brasil e pretende alcançar a marca de 200 lojas no País até 2030. "Temos um trabalho intenso de popularização da marca. A expansão nacional, por meio de investidores nos grandes centros, permitirá que a marca se torne ainda mais conhecida", revela Jeferson Mariotto, diretor de operações da companhia no País. O executivo estima um investimento de R$ 36 milhões no País e prevê a geração de mais de 200 empregos diretos. "O Brasil oferece atrativos para o crescimento da rede, como a dimensão territorial, que permite a instalação de mais lojas, em um mercado de food service aquecido, com a abertura dos brasileiros para novidades nesse segmento", destaca o executivo. ■

AS INICIATIVAS DA AMAZON

Enquanto várias redes investem em novas unidades para criar uma proximidade com o cliente, a gigante Amazon está revendo sua política de abertura de lojas. A Amazon Go, Amazon Fresh, Amazon Style e Whole Foods ainda têm um longo caminho a percorrer antes de serem consideradas um sucesso. Desde a aquisição do Whole Foods, a receita da divisão de lojas físicas da empresa cresceu 10%, representando apenas 3,4% do total da empresa. Além disso, a Amazon fechou lojas da Amazon Fresh recentemente e adiou a abertura de outras. "Muitas dessas empresas lançam lojas físicas para funcionarem como vitrines. A Amazon é um ótimo exemplo, nos Estados Unidos. Essas empresas que nasceram no mundo online estão testando diversas formas de manter o contato com o consumidor. Eles testaram vários formatos e vão fechando as que não funcionam", pontua Maurício Morgado.

EM TESTE Loja da Amazon GO, em Nova Iorque. Modelo não tem caixas para atendimento mas possibilita proximidade com o cliente

Cultura

ARTE

por Felipe Machado

Mostra dedicada a Salvador Dalí em São Paulo recria os ambientes de sonho criados pelo pintor espanhol por meio de novos formatos e alta tecnologia

Exposição surreal

Transformar as ideias do maior pintor surrealista da história em cenários reais seria, em qualquer contexto, uma tarefa para lá de complexa. Talvez seja por isso que a mostra que será inaugurada em maio, no Museu de Arte Brasileira FAAP, em São Paulo, tenha sido batizada com um título tão apropriado. *Desafio Salvador Dalí: Uma Exposição Surreal* apresenta a vida do artista espanhol por meio de reproduções das suas obras mais importantes, tecnologia e experiências interativas.

Para um artista que trabalhava com o subconsciente e adorava explorar o mundo dos sonhos, Dalí tinha o pé no chão em relação à organização de seu acervo. A maioria de seus quadros, vinculados à Fundação Gala-Salvador Dalí, estão concentrados em quatro instituições. São três na Espanha — nas residências em Portlligat e Figueres, e no Museu Reina Sofia, em Madri — e uma nos EUA, no Museu Dalí em St. Petersburg, na Flórida. Diante da dificuldade cada vez maior de transportar essas obras para outros países, a Funda-

FOTOS: SALVADOR DALÍ, FUNDACIÓN GALA-SALVADOR DALÍ, VEGAP, BARCELONA, 2024; AFP

TÚNEL DO TEMPO
Uma trajetória divida em décadas: reproduções em telas gigantes de seus trabalhos mais expressivos

ção Gala-Dalí criou um formato de exposição nova e bastante original, algo que transita entre a visitação tradicional a um museu e as mostras imersivas, onde as pinturas são projetadas em grandes telas. São Paulo será a primeira cidade a receber a novidade, batendo concorrentes como Dubai e Nova York. Realizada pela produtora Conteúdo Criativo, com concepção da empresa espanhola ArtDidaktik, *Desafio Dalí* é composta por seis áreas expositivas e mais de 100 conteúdos artísticos.

Abre com um grande corredor com oito salas, cada uma dedicada à produção de uma década. Com uma diferença: enquanto as pinturas originais têm medidas bastante reduzidas, aqui elas foram ampliadas e estão reproduzidas em paredes gigantes, fabricadas na Espanha, com uma tecnologia que simula a iluminação das galerias convencionais. “É um conceito transformador”, afirma Paulo Bonfá, um dos responsáveis pela montagem da mostra no País, ao lado de Roberto Souza Leão. Para o produtor, Dalí era um visionário também na relação com o público. “Ele compreendeu desde cedo a importância de se tornar um personagem global. Sabia atrair a atenção da mídia, por isso estimulava encontros com grandes personalidades, como os Beatles, a rainha Elizabeth, o papa.”

Outra área da FAAP abriga a réplica do simples e charmoso ateliê em Portlligat, no litoral espanhol, onde o pintor produziu suas obras-primas mais famosas. Há ainda um ambiente audiovisual composto por material exclusivo de Dalí como cineasta, ilustrador, cenógrafo, diretor de arte e publicitário. Ao contrário de outros espaços culturais, o uso do celular aqui é estimulado: por meio de um aplicativo, o visitante pode acompanhar informações sobre as criações por meio de um podcast feito especialmente para o evento. A mostra termina com trabalhos em 3D, área em que o pintor foi pioneiro, e promete uma “viagem de balão” ao interior de sua mente, auxiliada por meio de óculos de realidade virtual. Tentar imaginar o que se passava na cabeça de Dalí — esse deve ter sido o maior de todos os desafios.

ALMA EXCÊNTRICA

Uma vida que se confundia com a produção artística

Nascido em 1904, na cidade catalã de Figueres, Salvador Dalí foi uma das figuras mais populares e controversas do movimento surrealista no século XX. Marcada por uma expressão artística totalmente única e uma personalidade extravagante, sua vida foi um labirinto de emoções e controvérsias. Estudou na Escola de Belas Artes de San Fernando, em Madri, onde logo revelou um talento excepcional. Envolveu-se com o movimento surrealista, ao lado de nomes como o cineasta Luis Buñuel — com quem co-dirigiu o filme Cão Andaluz *— e André Breton, cujo manifesto que inspirou o movimento completa 100 anos em 2024. Caracterizados por imagens oníricas e técnica primorosa, seus quadros exploram os abismos da psiquê humana. No centro de sua vida estava Gala, sua musa e esposa, com quem viveu um intenso e tumultuado relacionamento. Morreu em 1989 e foi enterrado em sua casa, em Figueres, onde funciona hoje o Museu Dalí. Para um artista cuja vida confundiu-se com a arte, nada mais adequado do que exibir a própria morte como uma obra a mais.*

VISIONÁRIO Salvador Dalí: arte inspirada no subconsciente e por Gala, sua musa e esposa

HUMANISTA Pedro Álvares Cabral, em seu único quadro feito em vida: experiência militar e formação renascentista

A rivalidade entre Cabral e Vasco da Gama

O primeiro veio de família nobre, o outro era um homem do povo. Obra de pesquisador português narra as desavenças entre os dois navegadores que mudaram o mundo

Felipe Machado

Os navegadores eram as grandes celebridades da Era dos Descobrimentos. Foi um período marcado pela disputa entre eles, não apenas pelas riquezas do novo mundo, mas pelas glórias que as conquistas lhes rendiam em suas terras de origem. O espanhol Cristovão Colombo e o britânico John Cabot, por exemplo, quase se mataram na disputa pela rota definitiva para o Oriente. Já o francês Jean-François de La Pérouse e o inglês James Cook brigaram pela exploração das ilhas no Pacífico. Nenhuma dessas rixas é tão próxima dos brasileiros, no entanto, quanto as desavenças entre Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama. Essa história ganha riqueza de detalhes com o lançamento no País de *Cabral, o Desconhecido*, obra do pesquisador português João Morgado.

O autor os descreve como "personagens opostos". Cabral era um nobre de primeira linhagem, um humanista. Cavaleiro da Ordem de Cristo, a mesma do rei, era adepto do Renascimento. Aos catorze anos, deixou a cidade de Belmonte, onde vivia com a família, para estudar na corte de Lisboa com os grandes mestres. Já Vasco da Gama pertencia à Ordem de Santiago — na época, as organizações religiosas eram o que os partidos políticos são hoje. O navegador não era nobre e o conselheiro real Afonso de Albuquerque o via como um "bárbaro". Sua primeira viagem às Índias, embora importante estrategicamente, foi um desastre político: Vasco da Gama foi preso, regressou com um terço dos homens, mercadorias de segunda linha e sem um único acordo comercial importante. "O único feito foi ter sobrevivido para contar que tinha lá estado", escreve Morgado.

DIPLOMACIA E COMÉRCIO

No planejamento para a segunda expedição às Índias, D. Manuel ouviu críticas ao nome de Vasco. "Quem deveria assumir a armada, então?", questionou o monarca. "Pedro Álvares", sugeriu outro conselheiro, Fernando de Menezes.

FOTOS: WIKIPEDIA; DIVULGAÇÃO

HERÓI Vasco da Gama: "um bárbaro", para o conselheiro real Afonso de Albuquerque

Não foi apenas uma indicação política. Pedro Álvares Gouveia — o sobrenome do pai, Cabral, era dado apenas ao primogênito, e Pedro era o segundo filho — tinha sido preparado para uma missão como aquela.

Foi um grande líder militar por oito anos nos combates em Tânger, no Marrocos, norte da África, onde se destacou pela coragem e inteligência. Ao currículo heroico somava-se um detalhe curioso: os Cabral eram muito altos para a época, e essa vantagem nas lutas de espada trazia a admiração e respeito de todos. Além da coragem, ser um homem culto lhe favorecia. O comércio nas Índias não era baseado apenas na força militar, mas em negociações onde o seu tino para a diplomacia era um diferencial positivo.

Quando Cabral foi escolhido para liderar a armada, Vasco da Gama ficou irado. Descreveu a escolha como "uma punhalada nas costas por parte daquela corja de Cabrais e Albuquerques", escreveu, criticando as famílias fidalgas que o desprezavam por não ter raízes aristocráticas. Apesar da revolta, obedeceu ao rei e auxiliou o rival. Vasco da Gama escreveu uma carta com orientações marítimas, "proveitosas para o bom sucedimento" da missão. Cabral agradeceu e, ao ler as instruções aos seus homens, ironizou: "nada escreve Vasco da Gama que não saibamos nós". Cabral partiu em direção às Índias, mas, antes de chegar ao seu destino, desembarcou em outro lugar: a Terra de Vera Cruz, rebatizada mais tarde como Brasil. ■

"CABRAL DISSE NÃO AO REI E FOI ESQUECIDO"

João Morgado, biógrafo de Pedro Álvares Cabral

O que o fascinou em Cabral para despertar essa profunda pesquisa?
Um bom livro é a resposta a uma pergunta necessária. Por que Vasco da Gama é herói nacional em Portugal, e Cabral é um desconhecido? Os livros não explicam e eu queria saber.

Por que ele foi esquecido?
Depois que Cabral e Vasco da Gama voltaram das Índias, o rei queria mandar uma terceira expedição. Mas queria dividir a armada entre dois capitães; Cabral cuidaria do comércio e Vicente Sodré, da ala militar. Cabral se recusou. O problema é que ninguém diz "não" ao rei. Ele foi esquecido.

Como decidiu focar o livro na rivalidade entre os navegadores?
Costumamos estudar as histórias separadamente, um personagem de cada vez. Mas eles eram contemporâneos e disputavam a posição de favorito do rei. Achei que esse era um bom ponto de partida.

Ser membro da Ordem de Cristo foi decisivo para a escolha de Cabral?
Sim. A Igreja tinha muita força e considerava Vasco da Gama um degenerado. Mas havia uma razão comercial: a armada era formada por barcos de comerciantes privados, cujo objetivo era lucrar com o negócio. Eles preferiam um nome que inspirasse mais confiança, um diplomata como Cabral. A primeira viagem, liderada por Vasco, teve muitos problemas políticos.

"Eles eram contemporâneos e disputavam a posição de favorito de D. Manoel"
João Morgado, pesquisador

A descoberta do Brasil, no caminho para as Índias, foi um acidente ou algo intencional?
A missão oficial de Cabral era ir às Índias em busca de especiarias. Elas valiam uma fortuna, eram vendidas a preço de ouro. A carta de instrução do rei diz "vá com rapidez e volte a Portugal". Sair um pouco da rota teria sido normal, os navegadores aproveitavam os ventos do Atlântico e depois voltavam ao litoral do continente africano. Mas há provas, como o Tratado de Tordesilhas, que indicam que Portugal sabia que havia terras mais a oeste. Outro navegador, Duarte Pacheco Pereira, já havia visitado a costa do Brasil em uma missão sigilosa. E há o mapa de José Visigodo, que indica a localização do Brasil.

ÍCONE
Mel Lisboa como Rita Lee: "sua vida transformou toda uma geração"

MUSICAL

A autobiografia de Rita Lee

Espetáculo que narra a vida da cantora é inspirado em livro de 2016 e traz a atriz Mel Lisboa no papel principal

Quando Mel Lisboa pisou pela primeira vez em cena como Rita Lee, em 2014, ela não poderia imaginar que seriam meses de casa cheia — e nem que a própria Rita apareceria sem avisar para abençoar sua performance. O trabalho rendeu prêmios e colocou a atriz entre os grandes nomes do teatro nacional. Dez anos depois da estreia de *Rita Lee Mora ao Lado*, Mel volta a interpretar a roqueira mais querida do País em um musical inédito, agora inspirado na autobiografia da cantora. Com direção de Marcio Macena e Débora Dubois, *Rita Lee — Uma Autobiografia Musical* fica em cartaz no Teatro Porto, em São Paulo, até 30/6. A nova montagem conta com direção musical de Marco França e Marcio Guimarães, e Bruno Fraga no papel de Roberto de Carvalho, marido e parceiro musical de Rita. O enredo tem como base o livro publicado pela cantora em 2016, onde narra os altos e baixos da sua carreira com uma honestidade surpreendente. Numa narrativa envolvente, o texto de Rita fala da infância e dos primeiros passos na vida artística; de Mutantes e de Tutti-Frutti; de sua prisão em 1976, na ditadura; do encontro com Roberto de Carvalho; do ativismo pelos direitos dos animais. "A vida dela precisa ser contada e recontada. Sua existência transformou toda uma geração", afirma Mel. A atriz reforça a importância da cantora para o avanço das pautas feministas. "Rita não é somente a roqueira maior. Ela compôs, cantou e popularizou o sexo do ponto de vista feminino em uma época em que isso era inimaginável."

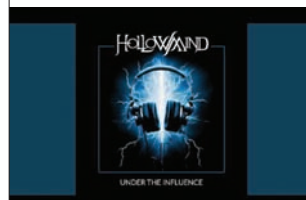
ROBERTO DE CARVALHO APROVOU

Marido e parceiro musical de Rita Lee, Roberto de Carvalho (na foto com Mel Lisboa e Bruno Fraga) acompanha de perto os ensaios para a nova montagem do musical sobre a cantora. Nas redes sociais, publicou como se sente: "É como contemplar por frestas invisíveis a história do meu amor, encenada por uma garotada tão talentosa, afinadíssima no sentido musical e espiritual". E aproveitou para elogiar o elenco: "Mel e o Bruno são um show à parte, estarei na primeira fila", afirmou.

PARA LER

Primeira mulher negra a publicar um romance na América do Sul (*Úrsula, em 1859*), **Maria Firmina dos Reis** também foi pioneira na poesia. *Cantos à Beira-Mar* (Ed. Fósforo) é fruto da pesquisa de Luciana Martins Diogo e foi publicado originalmente em 1871.

PARA VER

Fallout é a nova aposta da Amazon Prime no gênero ficção científica. A série com Ella Purnell (foto) se passa no futuro, quando a humanidade vive em abrigos subterrâneos e é ameaçada por gangues que moram na superfície.

PARA OUVIR

Liderada pelo vocalista e baixista Rob Gutierrez, a banda **Hollowmind** lança o álbum *Under the Influence*, com versões de artistas que marcaram sua carreira. Destaque às canções *Vital Signs*, do Rush, e *Monument*, do Fates Warning.

FOTOS: PRISCILA PRADE; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; JOÃO CALDAS FILHO; AGÊNCIA FOTOSITE

por Felipe Machado

TEATRO

Surpresas no palco, risos na plateia

Marisa Orth e Tania Bondezan protagonizam ***Radojka — Uma Comédia Friamente Calculada***, texto dos uruguaios Fernando Schmidt e Christian Ibarzabal já encenado em 12 países. Com direção de Odilon Wagner, é uma comédia ágil e cheia de surpresas. A peça acompanha duas cuidadoras de idosos que trabalham para Radojka, senhora sérvia que vive longe de sua família. "É um dos textos mais divertidos que li nos últimos anos, é impossível não gargalhar com o seu humor ácido", afirma Wagner. Em cartaz no Teatro FAAP, em São Paulo, até 23/5.

CINEMA

Brasileiro brilha em *Guerra Civil*

O Brasil chegou ao topo em Hollywood: **Wagner Moura** é o protagonista de *Guerra Civil*, filme do britânico Alex Garland que estreou em primeiro lugar nas bilheterias dos EUA. O ator faz o papel de um jornalista que trabalha na cobertura de um conflito situado no futuro próximo, quando forças dos estados do Texas e da Califórnia se aliam a um grupo de rebeldes para depor o presidente norte-americano. Maior produção do estúdio A24 até hoje, com orçamento de US$ 50 milhões, o enredo alerta para a polarização política extrema vivida no país.

SHOW

Um mestre do jazz na guitarra

Considerado um dos maiores guitarristas de jazz da atualidade, **Mike Stern** sobe ao palco do Bourbon Street, em São Paulo, com Dennis Chambers (bateria), Leni Stern (guitarra), Bob Franceschini (sax), e o brasileiro Rubem Farias (baixo). Vivendo em Estocolmo, na Suécia, o baixista é conhecido por promover a música brasileira na Europa. O show acontece em 21/4 e o repertório será baseado nos estilos bebop, rock e fusion. Stern foi integrante do grupo Blood, Sweat & Tears, nos anos 1970, e tocou com Miles Davis, Jaco Pastorius e Stan Getz.

EXPOSIÇÃO

Três décadas de muito estilo

Uma mostra no Museu Judaico de São Paulo celebra três décadas de carreira de um dos estilistas mais talentosos do País. Com curadoria de Maurício Ianês, ***Alexandre Herchcovitch: 30 Anos Além da Moda*** reúne roupas, calçados, acessórios e vídeos em uma retrospectiva que homenageia a trajetória do paulistano que alcançou reconhecimento internacional. "Estou feliz em poder mostrar parte do meu acervo e de minhas ideias ao grande público. Sempre sonhei com este momento", diz Alexandre, que é filho de imigrantes judeus.